ÓRGÃO DO CENTRO CULTURAL "EUCLIDES DA CUNHA"

Tapejara

PONTA GROSSA
PARANÁ — BRASIL

Diretor
FARIS ANTONIO S. MICHAELE

Secretário
DAILY LUIZ WAMBIER

Gerente
JOÃO ALVES PEREIRA

ANO I — PONTA GROSSA, MARÇO DE 1951 — Nº. 3

"Igrejinhas" Literárias

DAILY LUIZ WAMBIER

Os medalhões da literatura nacional, principalmente os que atuam nos meios culturais de São Paulo e do Rio de Janeiro, estão alarmados com o resultado do concurso de poesia da Prefeitura da Capital bandeirante.

Criou-se, para êles, uma situação de pânico. Desperada e incompreensível. Foi como um impacto sôbre as suas hostes.

É que êles sempre se consideraram os donos perpétuos da literatura brasileira. Nenhum sucesso poderia vir à superfície sem que êsses medalhões dessem a necessária permissão. As esparsas reações havidas, desde longa data, contra êsse círculo, esbarravam com o rochedo da sua drúxula concepção de literatura e não tinham efeito que pudesse abalar ao menos os alicerces das famosas "igrejinhas". Elas continuavam a consagrar os nomes que bem entendessem, quase sempre sem olhar para os verdadeiros valores que procuravam vir à tona, à fôrça de sacrifício próprio. E de mérito, sobretudo.

Fechados em sua torre de marfim, os senhores feudais da literatura indígena pontificavam para todo o País. Controlavam as secções especializadas da imprensa. Dominavam as agremiações de letras. Mandavam e desmandavam.

Daí, pois, a tremenda celeuma que o concurso citado está provocando nas duas grandes capitais.

A história, em linhas gerais, é contada assim:

O Departamento de Cultura da Municipalidade paulistana organizou o concurso de poesia "Adhemar de Barros". Vinte e cinco mil cruzeiros para o poeta que obtivesse a primeiro lugar. O certame chamou a atenção dos versejadores em geral. E, como era de esperar-se, as "igrejinhas" paulistana e carioca inscreveram-se, representadas pelos expoentes de poesia do seu círculo. Nomes que, no trabalho de elogio mútuo tão nosso conhecido, foram consagrados como os maiores da poesia brasílica. Não convém citar nomes. Basta que se diga que a quase totalidade dos poetas das "igrejinhas" comandadas pelos medalhões estêve presente ao concurso.

A Comissão Julgadora, presidida pelo poeta, crítico e escritor Guilherme de Almeida, depois de examinar as obras apresentadas, proferiu a sua

(Conclúe na 12ª página)

Indoamericanismo Construtivo

De norte a sul, o vasto território abrangido pelas nossas repúblicas, está sendo varrido por vigorosa onda de indianismos.

Representando, no México, América Central e região andina, indiscutível movimento de reivindicação de direitos da parte de massa maioria aborígene, por séculos oprimida pelo sórdido "hidalgo" espanhol; ou obedecendo, na América Sacsonia, antes que a saudosismo piegas, a uma tendência dirada finalidade política; em qualquer dos casos, a sua significação — como forma expressiva duma realidade inegável — é deveras profunda.

Alheio a si mesmo, quer dominado por arrôbos nem sempre condizentes com os seus anseios e necessidades, quer vinculado a uma pletora de velharias de sabor metropolitano — ditadas pela tradição e preconceitos de reduzida minoria —, sentia, de repente, o Novo Mundo, o peso da mais amarga desilusão, eis que, um a um, foram-se-lhe esboroando os sonhos e anelos. Foi, então, que, fechando-se na mais pura introspecção, seu espírito se achou a si mesmo. E inesperadas visões de glória de civilizações miseràndamente assassinadas lhe afloraram à consciência, e, altissonante, uma voz lhe ressoava à memória auditiva. A América, enfim, compreendia não poder, a menos que se lhe avilasse a personalidade, renegar seu refulgente passado. E, assim, rapida, uma volta ao índio foi empreendida, por toda parte.

Qualquer que seja o prisma por que o encaremos, e qualquer que lhe seja o lugar de origem, apresenta êsse movimento, na sua aparente simplicidade revestidíria, um conjunto dos mais variados objetivos e tendências, motivados por igualmente numerosos fatores. Não admira, pois, que, quanto ao Brasil, possa a corrente néo-indianista oferecer a mesma riqueza de tonalidades. Literàriamente, é uma réplica aos exageros africanistas das nossas letras, com raras exceções, provocados por elementos irresponsáveis ou mal informados, mas sempre maldosamente dirigidos. Assim é que, no lado de uns narcisistas afrobrasileiros, como Rodrigues de Carvalho, Dornas Filho e outros, vamos encontrar figuras do porte de Plínio Barreto, A. Austregésilo, Melo Franco, Artur Ramos e uns tantos mais, em quem a ignorância a respeito da contribuição indígena é patente. Nenhum deles, por exemplo, soube escrever sôbre a influência linguística, religiosa, social, econômica, para não falar na cultural em geral. Qual foi o estudo sério a respeito da amplitude, astronomia, zoologia, botânica ou o que quer que seja da cultura indígena, que alguém de entre êles empreendesse? O próprio Artur Ramos se limitava a compilar e citar Metraux. Metraux e mais Metraux. (Coisa interessante: tendo o material em casa, os nossos antropologistas vão buscar informações em autores estrangeiros, quando não em afrobrasileiros. É por isso que o grande Pedro Américo, que era lissótrico e de traços finos, figura entre os negros, por graça e obra do infalível Artur Ramos!...).

De modo que, são essas parvoíces que os neo-indianistas combatem, para bem da verdade e da dignidade humana.

Tratadas do ponto de vista sócio-econômico, devem tais tendências ser compreendidas como a conjunção dos mais dispares esforços na patriótica empresa de atrair e assimilar o indígena, aproveitando-lhe a energia, elevando-o, assim material como espiritualmente, integrando-o, em suma, no grande todo nacional.

O nosso país, conquanto não se lhe contem aos milhões os primitivos filhos, ainda em estado puro, êcibe, todavia, uma bem apreciável cifra dos mesmos. O índio é a base da população da Amazônia e, em doses várias de cruzamento, do imenso setão nordestino, sem falarmos no planalto central e pontos outros do território brasileiro. É uma raça rija e brilhante essa do caboclo ou mameluco. Como bandeirante, conquistou quase todo o Brasil, outrora, e, hoje, em pleno século XX, desfraova o impenetrável "Inferno Verde". Também, no terreno intelectual e político, vem ela brindando-nos com vultos da envergadura de um Euclides da Cunha, Coelho Neto, Capistrano de Abreu, Rocha Pombo, Franklin Tavora, Odorico Mendes, João Francisco Lisbôa, José Verissimo, Benjamin Constant, Quintino Bocaiuva, Diogo Feijó, Floriano Peixoto, Prefeito Pereira Passos, General Rondon, etc., etc. E que fizeram artistas e eclesiásticos, como Pedro Américo, Carlos Gomes, Cardeal Arco-Verde, D. Romualdo Seixas, Ibiapina, etc.? E um mazaneiro inesgotável. Mulato é, também, não só considerado o brasileiro típico, no Brasil, é só mesmo mulato. Mas, outro sentido é lícito ainda atribuir às manifestações nativistas, de que temos falado, qual seja o político. Neste particular, podemos tomar como paradigma os Estados Unidos, sem dúvida, a melhor garantia contra os "sentimentalismos doentios", de que nos fala o simplista indivíduo Renato Almeida, porquanto se trata de país mais realista e prático que se possa conceber. Pois bem, percebendo a impossibilidade de criar u'a mística perfeita para congregar as numerosíssimas raças que lhe povoam o solo, iniciou, a grande república do norte, um verdadeiro retôrno ao pele-vermelha, consubstanciado na adoção de seus símbolos e na ereção de monumentos em sua honra. Encabeçado tal empreendimento, tiveram em mente os americanos, além do desejo de justiça em relação ao amerindio, a concretização do verdadeiro ideal de Americanidade. Felizmente, algo semelhante existe entre nós, pelo que, fácil se torna entendermos-nos, de uma ponta a outra das repúblicas do hemisfério. Os cultos de Sepé Tiarajú, Ajuricaba, Guairacá, Araripóia, Poti, Tibiriça e tantos outros, são índicio seguro que acordamos para a grande realização. E onde pode ser de outra maneira, em matéria de conciência nacional: não há brasileiro que se não orgulhe do sangue indígena, único que o vincula ao resto do Continente.

Acresce ser o autóctone aquele que mais costumamos ligar à nossa altivez (Poti, Sepé e Ajuricaba provam-no à saciedade); aquele que mais nos identifica com a Pátria (cultuar o português ou o negro seria sair do Brasil e da América); aquele, enfim, que mais nos faz senhores da nossa própria liberdade: os tamoios só a traição foram vencidos e os chavantes, durante 400 anos, nos desafiaram!

Página de Um Velho Diário

OMAR L. GONDIM

25 de Dezembro. Natal!... Dia festivo. O mundo inteiro vibra, reina o entusiasmo.

Agitam-se os homens. Gestos, palavras, risos, tristezas...

Desassossêgo, buscas. Ouço vozes, clamores, gritos... apêrtos.

Inventam-se mil coisas, novas idéias, novos projetos, infinitas conjeturas!

E a luta permanece... Até quando? Não sei. Para onde vamos? Temos necessidade de pressa? Talvez... O AGORA é eterno, afirmam os entendidos.

Estou só, completamente só... comigo mesmo.

A paz é o maior de todos os bens, a maior riqueza, o maior tesouro, a maior glória da existência de um povo.

Renunciar ao passado é compreender os grilhões do presente.

Tudo corresponde à medida que desejamos, creio.

Penso, procuro assimilar o essencial, abaixo as trevas, vivo a ciência!!!...

Como é árduo o diferençar! Nada é mais débil do que o descuido. Coragem! Audácia! Resta-nos conquistar o VERBO. Possuir o VERBO, é possuir a chave, o segredo do universo, da própria vida. Avante, portanto!

"Algo se move." Qual a origem do ímpeto, da fuga, do arrôjo, QUAL?...

Oh! minha boa, minha querida humanidade, quanto sofrimento, quanta miséria, quantos desenganos, quanta falta de sabedoria!...

Vejo-te, incógnita, disfarçada, caminhando... para o abismo. Por que? É preciso espargir a razão, quem assume o compromisso? Só a verdade pode nos salvar.

Notem — se possível...

O maior triunfo consiste em avistar, distinguir o falso do verdadeiro, o quimérico do real.

Nada altera o perfeito juízo.

Reacendamos as luzes dos tempos idos! O instante requer energia, disciplina. Para trás a desordem, o embaraço, a confusão, os mistifórios!...

Criticar é obra comum; construir é tarefa para os eleitos — eis a nota amiga.

Uma humanidade incrédula é uma humanidade perecível.

Um homem sem visão... que dizer?...

Os antigos pregavam: TINO, ANIMO, VENCE-TE, Ó RAÇA DIVINA!

Nós, os modernos, devemos ensinar: ALEGRIA! CONFIANÇA! BONDADE!...

Perdôa, perdôa, meu nobre, "tôda alma que te fere é uma outra alma ferida."

Em tôrno de mim... impera a quietude. Sinto-me feliz.

Rumo ao Brasil...

É e sempre foi tempo de rumar pelos horizontes da pátria afim de aferir dos pensamentos, sentimentos e atos de seus homens, principalmente daqueles que afirmam brasilidade imperdoável.

Ensinam os mestres que a erudição do homem aparece tanto mais fortalecida quando interessada na gênese da raça. Porque, se é belo conhecer os clássicos da literatura mundial e quanto realiza a ciência ao serviço da humanidade, também, não o é menos apreciar que a herança antropológica evoluiu, neste pedaço do continente, com reais méritos, clamando por justa divulgação.

Assim é que o movimento de valorização dos homens da terra de Santa Cruz e de seus feitos já vem de longe, atravez o esfôrço hercúleo de um punhado de homens ilustres. Hoje, sente-se que a sede de aferir e apreciar empreitada. Surgem centros culturais em número apreciável, pontificados por formosos talentos e o resultado é que seus trabalhos têm mostrado homens de valer em todos os setores da vida do Brasil, e que, para orgulho da raça, há um caldeamento em que flutua a inflexibilidade moral e a tenacidade do índio, base da nacionalidade.

Louváivel e proveitosa, portanto, tôda iniciativa de investigação e cultura. Desvenda para a coletividade intelectual o que é o sertanejo remanescente da sua primitiva e os homens de projeção dele evoluídos, guardando intransigente amor aos bons costumes.

Os estudiosos da lírica sertaneja registram que sua poesia obedece influência dos colonizadores portugueses, com a métrica e rima dessa Dorcia de Rezende e que, mesmo apelando para as licenças poéticas caracteristicamente populares, cuida do têrmo, evitando qualquer duplicidade de sentido. Pois afirma Luiz da Câmara Cascudo, que "a ausência do verso obceno é no sertão um índice de pureza". Isto demonstra que o melhor da civilização fruticeou na consciência do ascendente da raça.

Tudo indica que a alma caboela é a mais brasileira do país. E quando deixa o sertão para surgir nas esferas elevadas da vida pública da pátria, assinala atitudes e atos inesquecíveis. Lembremos, por exemplo, o grande prefeito Pereira Passos, o homem que Rodrigues Alves necessitava para dar "ordem, dignidade e beleza" ao Rio de Janeiro. Uma anuência considerada difícil, dado que o ilustre engenheiro não acomodava conveniências políticas à moralidade administrativa. O então ministro do Interior, J. J. Seabra, tomou a si o encargo de procurá-lo e apelar para o patriotismo daquela personalidade que "só atende a própria consciência". Foi um duelo admirável em que prevaleceu a eloquência de Seabra, pois a obra de Pereira Passos ai está, e ainda mais, assinalando a boa marca dos homens do Brasil.

Que mais credenciava o eminente patrício, além da conduta retilínea, para tanto emprêgo de Rodrigues Alves? Não há dúvida, a sua experiência administrativa e realizadora em que sobressaiam a Estrada das Paineiras — a primeira de turismo no Brasil; a de Petrópolis — que era a segunda no gênero no mundo; e aquela que, ao seu propósito, foi constatada verdadeira loucura: Estrada de Ferro Paraná, no trecho Curitiba-Paranaguá, hoje famosa e consagrando a engenharia brasileira.

Conta Luiz Edmundo em seu livro "O Rio de Janeiro do Meu Tempo!", que Pereira Passos era extranho às vaidades e as ambições banais, tanto que declinara, certa ocasião, do convite do Imperador, entusiasmado pelos seus méritos, quando quis fazê-lo Barão do Corcovado. Ele tinha mais orgulho da incrustação que ostentava na fachada de sua residência, nas Laranjeiras, uma figura majestosa do aborígene, como também, quando declarava: minha avó era índia!

Esse homem, que em três anos superou em realizações todos os administradores públicos do Rio de Janeiro nos quatro séculos desde a fundação da cidade, viu-se alvo de tanta admiração das potências creditadas junto ao govêrno que não pôde furtar-se de aceitar várias condecorações estrangeiras. Porém, não as usava, aceitou-as por cortezia.

O caboclo do Brasil é assim.

JOÃO ALVES PEREIRA
(Do Centro Cultural "Euclides da Cunha" e aluno da 3ª. série do Curso Clássico do Colégio Estadual "Regente Feijó")

A Arte da Redação

RAUL GOMES — Especial para "TAPEJARA"

Quando ensinava português, quer na escola primária, quer na secundária, um problema superava os demais em minhas preocupações: o da redação.

Nos primórdios, não ataquei pròpriamente a questão sob o ponto de vista orgânico, sintático ou morfológico. Cuidava de, por um sistema de temática genético, facilitar a expressão escrita nos alunos. E lograva sempre resultados surpreendentes.

Mais tarde, encontrei em Afrânio Peixoto, no seu "Ensinar a Ensinar" e em Munch os fundamentos psicológicos dessa diretriz, aliás por mim amplamente executada nos volumes "Prática de Redação", editados pela Companhia Editora Nacional.

Aí já então aplicava duas conquistas minhas, hauridas de intuição e posteriormente também justificadas pela magnífica técnica norte-americana e condensada nestes dois objetivos: Simplificação da matéria gramatical e sua redução.

Considero-as duas estupendas "trouvailles" minhas, ainda não vulgarizadas na metodologia e na didática nacionais.

Atravessam os pobres escolares enleiados cada vez mais núm cipoal de complicações e dúvidas terríveis e nocivas.

E aí se topa uma das explicações para o fracasso do ensino do vernáculo em todo nosso aparelhamento pedagógico, atestado êsse mal pelas reprovações em massa nos vestibulares em tôdas as instituições de cursos superiores, civís e militares.

A minha metodologia erradicaria essa inconveniência. Demonstra, uma experiência de mais de 25 anos, a sua eficiência notável. Hoje não ensino mais a lingua. Portanto, julgo-me insuspeito para testemunhá-lo. Mas, de mistér assinalar, as palavras acima servem apenas de entrada à verdadeira finalidade dêste artigo.

Quero tratar da redação, como base da arte de escrever. Tenho-a em realidade como técnica essencial, pois ao meu ver, falha a organização escolar, incapaz de dar ao estudante o domínio completo daquela. E ao ensiná-la, devemos traquejar o aluno no mecanismo do idioma, na sua parte vegetativa, digâmo-lo assim.

E uma de suas particularidades consistiria no conhecimento real do seu espírito ou de sua índole.

Sabemos de seu sintetismo, herdado, não do baixo latim, porém, do clássico, do de Cicero em sua oratória no Senado romano.

Aquele era analítico. E êste um dos característicos da decadência e corrupção linguística.

No "Lusíadas", Camões, ao revés de rumar para o popularismo, se volveu sôbre o passado, indo buscar nos mais altos padrões dos tempos áureos de Roma, normas sintáticas e vocábulos. Todos os introdutores no imortal poema conhecem-se paradoxalmente como latinísmos.

Consigno estas observações, pelo fato de em minha redação seguir, quer no ensino, quer em minhas produções, a orientação sintética.

Quando da elaboração de minha tese para catedrático de Economia Política na Faculdade de Direito da Universidade do Paraná, vi-me numa conjuntura difícil.

Premia-me a falta de tempo e a impossibilidade, portanto, material de empregar os conselhos de Boileau quanto ao "polissez, polissez toujours", o indispensável cepilhamento literário.

Como agir para, perante banca em regra severíssima relativamente ao idioma, vencer as dificuldades e percalços da perigosa tarefa?

Ocorreu-me, então, não como impulso de vaidade ou pretensão, mas como meio de defesa própria, usar dois recursos desde muito incluídos na minha técnica de ensino da língua: A eliminação dos verbos auxiliares e a dos conectivos, principalmente os subordinativos. Tanto dos primeiros, como dos segundos, não utilizei nem meia dúzia em tôdas as 150 extensas páginas de minha tese.

E se me afigura oportuno lembrar aqui as lições do grande pioneiro da adaptação do português às exigências do meio novo e rebelionário, — o brilhantíssimo José de Alencar.

Acusavam-no os portugueses de não saber o idioma. Manteve êle vigorosas polémicas com ilustres literatos lusitanos, como Pinheiro Chagas, Mendes Leal e até com um brasileiro, Henrique Leal, defendendo sua forma linguística e expressional. Êste, por incrível isso o pareça, tachou de "estilo frouxo e desleixado", o de Alencar, visando com essa imputação notadamente o GUARANI.

Henrique Leal afirmára constituirem as partículas, especialmente as conjunções, os nervos do estilo. "Tessiam elas a frase dos autores clássicos, e serviam de elos à longa série de orações amontoadas num só período." (Iracema, José de Alencar, pg. 263, 5ª. edição).

Retrucava José de Alencar assim a essa alegação: "Para meu gôsto, porém, em vez de robustecer o estilo e dar-lhe vigor, essa acumulação de orações ligadas entre si por conjunções, relaxa a frase, tornando o pensamento difúso e lânguido."

E prossegue o grande criador de Peri, Ceci e Iracema atacando o modo classista de compor a sentença: "As transições constantes, a repetição próxima das partículas que servem de atilhos, o torneio das orações a sucederem-se umas às outras pela mesma forma, imprimem em geral ao chamado estilo clássico certo caráter pesado, monótono e prolixo, que tem a sua beleza histórica, sem dúvida, mas está longe de prestar-se ao perfeito colorido da idéia. Há energias do pensamento e cintilações do espírito, que é impossível exprimir com semelhante estilo. (idem).

Adotei radicalmente êsse ponto de vista do luminoso pioneiro da língua brasileira. Onde, por exemplo, Alencar toleràvelmente epiteta o estilo dos clássicos seiscentistas e setecentistas de "caracter monótono e prolixo", eu poria simplesmente o vocábulo enfadonho.

Sempre achei assim, soporífera, detestável a prosa de períodos quilométricos de Lucena, Heitor Pinto e outros escritores massados daquelas épocas de uma prosa sem brilho, salvo as exceções de Vieira, Bernardes, Luiz de Souza e raríssimos mais.

Objetivando sua opinião, o talentoso criador de Peri, trasladа um trecho de Luiz de Souza e um seu.

O do clássico é a conhecida referência a uma velha árvore, em cuja base oca cabia uma mesa. E o de Alencar é a famosíssima descrição de um pôr de sol tropical, inspiradora da Ave Maria de Carlos Gomes em sua ópera o Guarani.

Seguem-se-lhes a tradução do antigo para o moderno e a versão dêste para aquele.

Limito-me a passar para aqui, receios de cacetear os leitores, apenas o passo de Luiz de Souza com a sua transcrição em estilo cortado, isto é, sem aquelas esses conectivos subordinativos.

Trecho clássico de Luiz de Souza

"Era uma árvore de tão desmesurada grandeza QUE dentro no tronco, QUE da muita antiguidade tinha aberto E oco se armou uma mesa, E o arcebispo se assentou a ela, E por memoria no mesmo sitio e assento visitou a freguezia, E tinha lugar dentro a testemunha que vinha dizer seu dito."

O mesmo trecho posto na linguagem inovadora de Alencar

"Era uma árvore de tão desmesurada grandeza, que dentro no tronco armou-se uma mesa: a ela assentou-se o arcebispo em uma cadeira, onde pela memória visitou a freguezia; havendo aí lugar também para a testemunha que vinha dizer seu dito."

Contavam-se na lição de Luiz de Souza seis orações, vinculadas por três pronomes relativos (e não dois como escreveu Alencar), e seis conjunções.

Ao transpô-la para sua maneira, Alencar conservou dois relativos e um advérbio.

Eu, sem a mínima intenção estilística, movido apenas do esfôrço liminar pelo aperfeiçoamento da redação, suprimiria todos os conectivos tolerados por Alencar e lhe substituiria, inflexivelmente, os verbos auxiliares.

Isto, acentuo-o muito bem, sòmente à guisa de exemplificação do processo largamente aplicado por mim na realização de minha tese de catedrático e nunca, e jàmais, pelo desejo de corrigir o estilo trabalhado e fino do extraordinário autor da "História de São Domingos".

Dar-lhe-ia esta forma: "Tratavoe de uma árvore de desmesurada grandeza. Dentro no tronco, armou-se uma mesa. À ela assentou-se o arcebispo. E aí por memória visitou a freguezia. Nela existia lugar também para a testemunha então chamada para dizer seu dito."

Si o leitor se detiver nos passos onde revelei o fato da execução de um livro de formato grande com 150 páginas sem recorrer a conectivos nem coordenativos nem subordinativos (que, sem que, contudo, onde, e, porque, etc., etc.) e sem lançar mão dos verbos auxiliares ter, haver, ser e estar, suporá me custou isso tremendo trabalho. Atribuir-me-á preocupações e tormentos, quiçá dum burilador da frase.

Pois erraria assim pensando. Para mim isso se tornou fácilmo. Mas essa facilidade foi o resultado de um, não direi método, mas, sem dúvida, processo. Não se cogita de um segredo a exigir patente de invenção. Mas de uma arte adquirida. Em próximo artigo, revelarei como a consegui.

A Funcionalidade Relacional em Substituição ao Ontologismo do «Sujeito-Predicado»

MÁRIO LINS — (Rio de Janeiro)

Há, entre a velha lógica e a atual, profundas diferenças que marcam sua interna estrutura conceitual.

Uma dessas diferenças está, no princípio (postulado) da continuidade, que na antiga era, implicitamente, inoperante. Esse postulado, como salienta DEWLY, deve ser compreendido não só como exclusão de "descontinuidades e separações", como também de "meras separações de identidade". A realidade é dinâmica, portanto, mantém ao mesmo tempo uma certa constância nas "trocas", pois, do contrário, se fôsse absoluta a "troca", impossível seria organizarmos o conhecimento.

Nessa conexão, LAMBEK chega a afirmar que tôda "troca" é paradoxal; a fórmula aí encerra em si mesma uma aparente contradição, visto que o objeto "a" não é o mesmo em ambos os estágios, não obstante ter de manter uma certa identidade. Conclue, assim, que (a) o fenômeno de "troca" inclúe ao mesmo tempo uma parcial identidade entre o que precede e o que sucede e (b) uma parcial modificação, donde (c), em face da relacionalidade entre as noções de fator e agente, não ser absoluta a distinção entre o que é constante e o que permuta.

Dêsse modo, temos de manter uma relação entre o estático e o dinâmico, pois, só pela conjunção dêsses dois aspectos podemos integrar a realidade existencial. O que viciava, então, as leis da velha lógica era a absolutização estática que, implicitamente, faziam da realidade, tornando impossível relacioná-la numa transitividade conceitual.

Estamos agora ante um aspecto do problema que, agudamente, foi presentido e atacado por BOGOSLOVSKY. Observa êle que se tudo é tudo — (como, aparentemente, é o que decorre da superação das leis aristotélicas) — tornar-se-ia impossível não só a causalidade, como também a própria organização da experiência. Assim de fato seria, se admitíssemos cisões absolutas na realidade; tal não ocôrre, porém, se, como êle propõe, introduzirmos o conceito de quantitividade na diferenciação. Não basta dizer que "A" é "B" e "não-B" ao mesmo tempo; preciso é que, em cada situação existencial, seja fixado o grau (ou a extensão) em que êle é "B" e "não-B". Por aí temos uma relacionalidade dinâmica que, superando a qualitativa separação imposta pelo velho ontologismo, dá-nos uma transição, quantitativamente, funcional entre as categorias conceituais. Através do dinamismo há, portanto, alguma coisa que perdura. E essa "absolutização" do relativo e "relativização" do absoluto é o que vem quebrar a absoluta validade das leis aristotélicas, em sua aplicação ao mundo existencial (livre de essências imutáveis).

Cohen, depois de mostrar que ao se aplicar a lógica ao mundo empírico, torna-se preciso abstrair o princípio da polaridade (contradição), conclúe que devemos defender-nos da tendência de simplificar as situações para analisá-las, apenas, em têrmos de um dos contrários de sua polarização.

A lei de contradição não impede a presença de determinações contrárias na mesma entidade, mas tão sòmente exige que sejam feitas certas delimitações quanto aos aspectos ou relações em que os contrários são válidos. Isso implica, de certo modo, aquela quantitatividade na diferenciação como básica à compreensão do princípio da polaridade.

No que concerne ao problema do estático e do dinâmico, teríamos, então em face dos suportes lógico-conceituais das duas lógicas:

A) Na lógica aristotélica: a vem realizando. A sua filosofia natureza ou é estática ou dinâmica, pois, não pode ser as duas coisas ao mesmo tempo. Seria violar a identidade, a contradição e o excluído meio (admissão implícita do absoluto estático, através de categorias conceituais intransponíveis);

B) Numa lógica mais geral (de tipo não aristotélico) a natureza é ao mesmo tempo estática e dinâmica numa transitividade relacional. Torna-se, então, possível a inclusão dêsses dois aspectos por não se admitir um absoluto estático, mas, uma relacionalidade, dinâmicamente, funcional.

Para essa renovação conceitual muito teem contribuido os vem realizando. A sua filosofia procura assentar-se numa nova estrutura lógica do universo que tenta apanhar sua funcionalidade relacional. As categorias aristotélicas, com as suas classes ontológicas, baseadas em conceitos de "substância-qualidade", "sujeito-predicado", "universal-particular" — tornavam estático o universo, não apreendendo ao mesmo tempo os seus aspectos dinâmicos. Desde porém que, cada "entidade", a estática daquelas classes e categorias torna-se inoperante para apreendê-las.

A velha lógica era uma lógica de classes estáticas, onde se excluia a idéia de relação entre elas. Decorria, filosòficamente, que sòmente "substâncias" poderiam ser objeto do conhecimento organizado, não sendo a relação senão um mero acidente, inapreciável cientificamente. A nova orientação lógica tenta superar o absoluto dessa estática ao postular como substitutivo de "substâncias" imutáveis (essências) uma relacionalidade funcional. Essa transformação conceitual envolve a própria estrutura da ciência, que passou a ser vista numa mais coerente e funcional unidade dentro dessa nova cultural matriz.

ALDEBARAN

Conto de JULIO SAYÃO CARDOZO — (Ponta Grossa)

Entrei na cela 94 do Hospício. A cama de ferro, a mesa e o banco, eram todo o mobiliário. Nas paredes caiadas de branco, havia, apenas, um crucifixo e um desenho a carvão, representando uma espécie de constelação, onde sobressaía uma estrêla de grandes proporções.

O demente não pareceu notar a minha entrada: estava com os olhos fixos no céu, tocava harpa nas grades da janela e cantava a mais exótica canção que já ouvi. Era uma extravagante melodia, que tomava um cunho surrealista, cantada naquela voz de baixo profundo.

Parando de cantar, lançou em volta um olhar altivo e me viu. Veio, então, para mim, com ar humilde.

Era um rapaz de trinta anos, estatura mediana, franzino, pálido, cabeça grande e queixo proeminente. Tinha a testa recuada e os cabelos escassos. Por baixo das sobrancelhas negras e espessas, brilhava um olhar profundo e inteligente, embora patêtico. O nariz curto e encurvado, qual bico de coruja, dava-lhe ao rosto uma expressão feroz, avivada pelos lábios finos e duros. Trajava o uniforme zuarte dos internados e, no peito pouco saliente, trazia um número em algarismos negros: 847.

— Outro médico que me vem examinar! — disse êle, com um sorriso triste.

— Não sou médico, — respondi — vim, apenas, conversar um pouco...

— Está bem... Todos dizem o mesmo e eu me conformo...

Indicou-me o tamborete:

— Sente-se, por favor. Todos me chamam louco!... Se ainda não me revoltei, é porque tenho, aqui, sossêgo bastante para escrever!...

E mostrou-me, com um gesto, muitas fôlhas de papel, espalhadas pela mesa.

— E que escreve o senhor? — perguntei.

— Versos, divagações...

Tive uma irresistível vontade de ler os frutos daquele célebro desequilibrado.

— Então é poeta? — perguntei.

— Sou e não sou!... Isso depende das interpretações... O senhor entenderá, ouvindo a minha história...

— Ah! Então o senhor tem uma história!?...

— E quem não a tem? A história de um homem é a história de todos os homens: um sofrimento mais ou menos intenso, mais ou menos longo, mais ou menos doloroso...

Parou de falar e, por alguns segundos, olhou vagamente para o Cristo de ferro, suspenso na parede. Depois, como se acordasse sùbitamente, apontou-me, com um gesto dramático, o desenho a carvão:

— Está vendo aquela constelação? Ali está o dêlho do "Touro", a estrêla Aldebaran! O senhor, decerto, não conhece a lenda do aparecimento dessa estrêla!?...

— É verdade, não a conheço.

— Eu contarei, então: num país distante e há muito tempo, um jovem poeta, chamado Aldebaran, fortalecido por amores por uma princesa de grande beleza. Esse amor, embora correspondido, era considerado proibido e criminoso, razão pela qual, foi o moço condenado à morte. Um sorriso triste e resignado, foi o seu último adeus à vida e seus encantos.

"À noite, os sábios astrônomos verificaram o aparecimento de mais uma estrêla.

"A princesa, julgando ver no intenso brilho do astro o sorriso do seu amado, exclamou comovida:

"— Essa estrêla há de se chamar Aldebaran!!!...

O louco parou de falar.

Quedei-me pensativo, sem saber onde queria chegar o meu narrador. Seria sua alucinação a de se julgar o tal poeta antigo? Esperei que o jovem se resolvesse a continuar.

Depois de alguns minutos de silêncio, o 847 voltou-se bruscamente:

— O senhor está tentando adivinhar como veio parar, num hospício moderno, um poeta morto num país antigo e distante! Não se preocupe, que eu explicarei!

"Minha existência estelar, aquela vida brilhante de astro de primeira grandeza, não me agradava. Eu queria voltar à Terra, queria gozar, novamente, o voluptuoso sofrimento de ser Homem.

"Havia no Mundo um rapaz simples, que estudava Direito. Todos o consideravam um gênio, embora êle nada mais fôsse que um modesto talento. Chamava-se Miguel.

"Um dia — triste dia — conheceu Marlene. Era uma explêndida morena de olhos negros e vivos, que tinha o imperdoável defeito de ser mulher. Mas era linda e êle amava a Beleza.

"Marlene, ao que parece, não lhe era indiferente; creio, mesmo, que o amava. Não, decerto, pelo seu físico (êle sempre fôra feio), mas pelas belas coisas que lhe dizia, pelos lindos versos que lhe escrevia e que eram sua própria alma traduzida em letras, em palavras, em frases, em poemas...

"Nada direi das juras que trocavam; não falarei dos projetos que faziam...

"Tudo na vida, meu amigo, tem um fim. E a felicidade do pobre moço teve também o seu: Marlene preferiu outro rapaz que só fisicamente era superior a Miguel... Mas, que que? — As mulheres são assim mesmo! Preferem aquilo que lhes impressiona a vista... e o rival do futuro advogado era, realmente, algo que impressionava pela correção de suas linhas, pela elegância de suas atitudes, pela majestosidade de seu porte. As mulheres... as mulheres! Ah! se eu pudesse castigá-las, a tôdas, pelo crime de uma só!...

"Sabe, senhor? Quando a gente é preterido por outro homem evidentemente inferior, há um alívio no ciúme; e a vingança é um sorriso de desprêzo. Mas quando o rival tem alguma superioridade, como a elegância, a graça, a beleza, então a tortura não tem limites e há um inferno no nosso peito!...

"E foi êsse inferno que torturou Miguel, quando Marlene lhe foi dizer o que êle já desconfiava, mas teimava em não querer acreditar.

"— Miguel, — disse ela, — tenho uma cousa muito importante a lhe dizer...

"— Diga! — respondeu êle.

"— Tudo o que você fala me vai direito ao coração!

"— Sei disso, Miguel. Essa é a razão por que temo dizê-lo.

"Miguel teve um sobressalto, vendo que Marlene estava realmente embaraçada. Ocultou, seu desassocêgo, tentando gracejar:

"— Dar-se-á o caso de que não mais me ame?

"Marlene empalideceu e balbuciou palavras imperceptíveis. Depois, como que tomando uma resolução, levantou a cabeça desafiadoramente e deixou cair, uma por uma, as palavras terríveis:

"— É verdade: já não o amo. Creio, mesmo que nunca o amei. O que senti por você, foi uma espécie de entusiasmo pela sua inteligência, nada mais. Agora, porém, verifiquei que meu coração, inível alma, minha vida, pertencem a outro, a quem amo verdadeiramente.

"O jovem estudante sentiu uma onda de ódio envolver-lhe a cabeça, fazendo-lhe ver tudo vermelho. Calado, virou-se e caminhou, cambaleante, para casa. "Durante o trajeto, havia um vulcão de pensamentos confusos em seu cérebro.

"Uma idéia, contudo, permanecia fixa, na tempestade interior que o abalava: matar!

"— Ela não será minha, — pensava êle, — não será de mais ninguém!

"Ir em casa, apanhar um revólver e voltar, foi obra de poucos minutos.

"Na residência de Marlene, o criado introduziu-o na sala de visitas.

"Ela estava só e tocava, ao piano, uma valsa qualquer de Chopin.

"Miguel não lhe deu tempo: sem dizer palavra, tirou a arma do bolso.

"Teve tempo de ver, antes de dar ao gatilho, um olhar de terror... teve tempo de ouvir um grito de aflição — Meu Deus!

"Ainda não se dissipara o fumo, ainda não se perdera o eco, quando um segundo tiro soou: Miguel metera uma bala na cabeça!.

"Na escuridão profunda que o envolveu, o infeliz sentiu a extranha e excitante sensação da morte. E, no fundo da tenebrosa noite, Miguel viu uma estrêla sorrir um sorriso pálido, sorriso que foi aumentando, aumentando, até explodir numa gargalhada de luz.

"Eu, Aldebaran, eu, a estrêla, arrebatei-o, antes que êle se perdesse pelos espaços sem fim.

"Muito espantado, o suicida achou-se em minha frente.

"— Quem é você? — perguntou.

"— Sou Aldebaran, uma estrêla que foi homem... — respondi.

"— Tú sofreste, — continuei, — mas teu sofrimento cessou com a tua morte. Agora, segundo a lei muito antiga (que não conhecias) da Transformação Universal, tú serás uma estrêla perdida no Universo.

"— Ao menos não sofrerei! — exclamou.

"— Sim, não sofrerás dôres físicas, mas terás, como tenho, o irresistível desejo de voltar ao Mundo.

"— Não o terei! Sai de mim porque quis! Nunca voltaria!

"— Pois tú és a minha oportunidade. Ao invés de ficares eternamente esquecido como uma insignificante estrêla, trocarás comigo: tú serás Aldebaran e eu serei homem, usando o teu corpo. Queres?

"— Aceito. Nada perco com isso...

"E foi assim que Miguel passou a ser eu... e eu passei a ser Miguel...

"A princípio, eu estava resolvido a usar o nome, juntamente com o corpo.

"Logo que abri os olhos de minha nova morada, compreendi a gravidade da minha situação. As dores que me torturavam, mostravam-me o desperzado estado em que estava minha cabeça.

"Mas — cousa extranha — eu não estava bem certo de minha identidade!... — Seria eu, o mesmo Miguel, vítima de uma alucinação, ou seria, realmente, o Aldebaran?

"E, nesse mudo desespêro, passei longo período de convalescença (afirmam que fui salvo pela perícia do cirurgião...).

"Assim que me vi fora do hospital, fui preso por homicídio.

"Durante o julgamento, a acusação deixou-me tonto: que horrível era o meu crime!... — O meu crime, não! O crime de Miguel!!... Seria justo que eu sofresse por um crime que não pratiquei? — Não! Mil vezes não!!!

"Resolvi, então, fazer a minha própria defesa. Contei tudo. Empolguei o auditório com a minha eloquência! Fui soberbo! Fui admirável!...

"Da sensação causada pela minha defesa, resultou a suspensão do julgamento.

"Fui submetido a um exame e o médico achou que a bala provocara, no meu cérebro, uma incurável lesão. Resultado: fui recolhido a um manicômio judiciário!...

"Veja o senhor o que é a Humanidade! Os mistérios são considerados "dogmas de fé" ou loucura!...

. . . . . .

Saí da cela 94 do Hospício. A história daquele louco — (seria, mesmo, louco?) — deixara-me pensativo...

Recordei um de seus versos:

Silêncio!...
Sim, o silêncio!...
Deixai-os dormir!...
Tocam a reunir
e é só!...
É o silêncio do sono eterno,
daquêles que lutaram
por um ideal que é tudo,
no Nada mergulharam!...

ECONOMIA DE PAZ OU DE GUERRA

HERALDO VIDAL CORREIA (Ponta Grossa) —

Quando os economistas contemporâneos se preparavam para enunciar princípios novos resultantes de fatos e experiências verificados na última década, capazes de assegurar uma economia mundial estável, a conjuntura internacional, tal como hoje se nos apresenta, indica a continuidade de uma economia internacional perabélica, muito diversa daquela objetivada nas conferências e congressos já realizados nas principais capitais do mundo.

E inegável que os fenômenos e processos econômicos se desenvolvem em função de objetivos estratégicos e militares, buscando cada nação resguardar-se, tanto quanto possível, das consequências de um conflito armado, sujeito a irromper na Europa ou na Ásia.

Adotam-se já medidas governamentais restritivas do consumo de artigos essenciais, aumentando-se as dotações orçamentárias destinadas ao financiamento da defesa.

Ante a evidência dos fatos políticos, militares e sociais contemporâneos, que contrastam flagrantemente com as declarações e promessas firmadas em memoráveis conclaves realizados após a última guerra mundial, é razoável admitir-se o primado da economia de guerra sôbre a tão sonhada economia da paz num mundo livre.

Admitida essa premissa, podemos seguramente prever o advento de tôda a sorte de restrições e de interferências governamentais na economia interna dos países livres, as quais não podem prescindir das providências ditadas pela experiência colhida no último conflito, procurando, naturalmente, atenuar os efeitos e consequências de uma grande guerra entre as duas maiores potências antagônicas contemporâneas: a Rússia Soviética e os Estados Unidos.

Parece estar cada vez mais afastada a possibilidade de uma economia mundial estável, em função da paz e da liberdade das nações.

Do ponto de vista da responsabilidade governamental, constituiria uma incúria a abstração de perigos tão evidentes, valendo como uma advertência e exemplo as medidas governamentais já adotadas pelos Estados Unidos e consequentes, não só, da participação efetiva de contingentes militares norte-americanos no litígio coreano, como também da tremenda responsabilidade de que se acha investida aquela nação, face à civilização contemporânea.

Na Europa, prevalece uma economia caracterizada, de um lado, pelos propósitos de reconstrução e de rehabilitação dos níveis de vida dos seus povos e, de outra parte, pela impossibilidade evidente de atingi-los, em consequência de circunstâncias sociais e políticas resultantes do próprio conflito, como, por exemplo, o problema alemão e o antagonismo russo e anglo-franco-americano.

A América Latina será chamada a cooperar, intensamente, com os Estados Unidos para a grande batalha da produção de materiais estratégicos, artigos essenciais e alimentos, em escala muito maior do que já foi verificado no último conflito.

Será, provàvelmente, essa a agenda principal da Conferência a realizar-se durante êste mês em Washington, quando serão apresentadas e discutidas as bases daquela cooperação.

Será lícito prever-se um grande desenvolvimento das atividades agrícolas, extrativas e industriais nos países da América Latina, cujos povos encontrarão, assim, a grande oportunidade de soerguimento econômico, pela qual vêm clamando desde a cessação do último conflito.

A economia de guerra é característica dos períodos de transição ou de reajustamento entre as grandes potências mundiais, devendo, entretanto, perdurar até que a tensão internacional, resolvida ou não num conflito armado, diminua ou desapareça totalmente, com o advento de uma situação internacional estável, social e politicamente.

Enquanto o atual processo social e político entre as grandes nações não chegar ao seu término, o mundo continuará a viver dentro de uma economia de guerra, isto é, essencialmente restritiva do ponto de vista da liberdade individual, porém dinâmica do ponto de vista nacional.

COISAS DO NORDESTE

Por THIA GO G. DE OLIVEIRA

O Sonho do Marroeiro Tabirua'

João Tabiruá nasceu em Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte, na divisa com a minha cabocla Paraíba e o Ceará da Dna. Rachel.

Era, o nosso amigo, de compleição atlética, o tipo acabado do sertanejo másculo e rude. Nunca jàmais aprendera nada de útil a si ou ao grande organismo social, de que era êle uma espécie de célula anucleada, além do sofrimento, que o havia de acompanhar "do berço ao túmulo"...

O coitado apenas nascera para sofrer.

Em se o dizendo nordestino pobre, parece termos dito tudo, inclusive sofredor, pária e que sei mais. Do contrário, estaríamos empregando um pleonasmo. Seja como fôr, porém, naquela alma de marroeiro profundamente melancólico, ainda existia esperança, esperança de pobre, é certo, mas sempre esperança; e como esta, mesmo num deserto da existência humana, ainda é Oásis, nas entranhas daquela alma forjada quase que só para as sensaboarias da vida, ainda ela demonstrava resquícios de otimismo que poderíamos dizer traduzido em sonhos, como são os sonhos dos infelizes, dos pobres...

O seu sonho-mór, entretanto, era ser alguém, fôsse lá o que diabo fôsse, longe da sua terra ingrata, distante dos pagos mortificadores. Não vemos nada mais justo! Mas, mal sabia o nosso boiadeiro que, neste mundo de ilusões, quando se sonha muito, pouco ou nada se alcança.

As vezes, o homem nos contava de suas aspirações, que a gente via que eram impossíveis. Era sonho demais para uma só existência, obscura ao extremo. Se sonhando pouco, muito dificilmente se consegue algo, quanto mais em situações como a dele, em que o destino começa a chicotear o "cabra", dando-lhe arrocho, como quem está imprensando lá para fazer fardo.

Mas, que fazer, se Tabiruá era difícil de compreender e, mais difícil ainda, de demover? Quantos o aconselhavam a mudar de idéia, dizendo-lhe: "mas, homem, se você tivesse nascido no Sul do País, onde as coisas são mais fáceis, estava tudo muito certo. Logo, não vê que naseceu cabeça chata, e, ainda por cima, pobre; nasceu neste sertão onde se fica feito seriema, com o pescoço comprido e fino de tanto se espiar para o infinito pedindo chuva a Deus?". E êle nada! "Vá aquietar-se, homem de meus pecados; bote um roçado, nem que seja de meia dúzia de pés de maniva, arme uma arapuca para pegar uns galos de campina, faça gaiola de tala de coqueiro ou carnaúba, bote tudo dentro e vá vender na feira. Depois, com o dinheiro, compre o seu punhado de farinha e meia rapadura e dane-se a comer no rancho, de papo p'ro ar, ouvindo, à tarde, os cantos da Asa Branca e do Tétéo, que é bem melhor".

— "Qui rôçado, qui galu di campina, qui sofreu, qui nada! Di sôfré já baxta eu mais tú... pois, tú não vê que não nasci p'rá sê sértanejo, nem matuto, nem capanga de sinhô di engenhu; nem qui fôsse p'rá sê cangaceiro eu ia embora".

Assim era o papa-gerimum, nada o fazia retroceder, ninguém mudava a sua opinião, dizia mesmo que só temia os castigos de Deus (trovão, chuva de pedra e raio)...

Nem o puxado (a asma), que tinha e que não sabemos como conseguiu penetrar naquele peito de aço, o fatigar, tapuia ou cariri, nem êsse terrível suplício o acabrunhava. Era mesmo um espartano e um irredutível! Nem a sua mãe (e as mães do Nordeste são adoradas pelos filhos com o cérebro, coração e alma. E dizem que o coração de mãe faz milagre, comovendo até os lobos) nem a sua mãe conseguiu tocar ao sentimento do Jequitibá sertanejo. O bicho nem parecia ter sangue de índio nas veias: coração e opinião igualmente irredutíveis e petrificados.

Todo o mundo falava e não adiantava nada.

"Imaginem", dizia o moleque Adijar (ainda me lembro tão bem do negrinho) — "êsse cabra não vai ter bôa sorte, não. Quer sair pelo mundo sem saber nada; como marroeiro. Êle come, mas fazendas, queijo de manteiga e coalhada escorrida; acende êle vai é capaz de não encontrar nem xibé ou jabá p'rá matar a fome..."

Outros já atalhavam: "Que nada, negro, você não se lembra do filho de seu Cazuza da tenda? Aquilo era lá gente? Pois sim, saiu daqui, foi p'ro Recife, depois para o Rio de Janeiro e hoje é Tenente em São Paulo; aqui é que ninguém vai p'rá frente."

"Caranto que é da polícia, e assim mesmo p'rá chegar nesse ponto começu pão que o diabo amassou com os pés", respondeu outro.

— E o quê, homem? Êle é do Exército, do nosso querido Exército, que um dia eu tenho que morrer por êle, brigando feito Zé Pequeno, que morreu naquele fogo do Serrote Preto, quando atacaram Lampeão... E dêsse jeito a a maledicência sôbre Tabiruá, que, no outro dia, embarcou para o Rio de Janeiro. Não pegou um ITA no norte, mas pegou um caminhão, levou quase um mês para chegar e quase morreu de tanto "lançar". Êle só era habituado a andar em carro de bois e Jegue, por isso foi que enjôou tanto; marroeiro é marroeiro... No Rio de Janeiro, foi comer num restaurante. Comeu três pratos sem parar. O "garçon", assombrado com o apetite do rapaz, perguntou-lhe, para ver se parava: "O senhor não aceita um copo dágua ?".

Respondeu-lhe Tabiruá:— "Mode qui não, seu moço, eu apreciu muito a água na refeição mas só do meio p'ro fim..".

Nesse mesmo dia, foi para Minas Gerais, e hoje, para minha surpresa, diz-me uma carta dum amigo, do Rio Grande do Norte, que Tabiruá falecera como empregado de uma Prefeitura no Sul de Minas Gerais, e os seus restos mortais tinham sido transportados para a última morada, num carro de bois. Aí foi que vi que o homem realizou o grande sonho, pelo menos morreu como nasceu: marroeiro sempre...

Mas, não deixou de ser um predestinado, porque marroeiro êle podia ser no Nordeste, e, quando fôsse para a Eternidade, o seu corpo inerte de caboclo bronzeado e cabelo muito bom, ainda teria mais uma vantagem: iria se balançando numa rede que lhe serviu de berço...

Agora, perguntou eu, feito o Dr. Gilberto Freyre: "Para que tanta lida, para tão pouca vida" ?...

Fiquemos, pois, onde nascemos. Nada adianta abandonarmos nossos pais, nossa gente, para sairmos à procura de aventuras, porque, na verdade, vencem na vida os homens que lutam e não os que andam mais. Napoleão andou demais para morrer numa ilha; Alexandre não conseguiu colher todos os louros de suas vitoriosas jornadas...

E, no entanto, chegou a atravessar desertos e cortar nós górdios!...

As Revoluções e o Equilíbrio Social

PINTO FERREIRA — (Recife)

As sociedades constituem sistemas relativamente fechados.

A Forma Geral da Sociedade apresenta-se, com determinado rigor, de uma pirâmide, em cujo ápice estão os elementos superiores, e à medida em que se desce para a base, decresce o nível intelectual do homem e tomam maior império as leis emocionais, com os resíduos mágico-animistas, antísticos, asinítticos e pré-lógicos da mentalidade primitiva.

É outra indução, nova uniformidade experimental: A Forma Geral da Sociedade apresenta-se com Estrutura Curvilínea, aproximando-se Relativamente de uma Pirâmide, em cujo ápice está a Elite, e, em direção à base, acumulam-se os elementos inferiores, as Camadas Populares, a massa. Esta indução pode ser comprovada não só para a estratificação política, como outrossim, para as outras formas de estratificação: econômica, intelectual, religiosa, profissional, etc.

Nesta Pirâmide Social estabelece-se a circulação das aristocracias políticas, como caso particular da mobilidade vertical política, em suas correntes ascendentes e descendentes.

Há uma constante circulação das aristocracias políticas. As aristocracias em decadência cedem o pôsto às novas elites governamentais. Quando, numa velha aristocracia política, se lhe diminúe a energia e se modificam as proporções dos resíduos que serviram a que ela se apoderasse do mecanismo governamental e o conservasse, — com esta ruptura do Equilíbrio Social (sobretudo, quando os resíduos de persistência dos agregados e do instinto das combinações) provêm a decadência e a queda desta velha aristocracia. Sobe uma nova elite.

Daí a gênese das revoluções.

As revoluções constituem fenomenos de intensa mobilidade social e vertical, com a queda dos elementos da aristocracia governamental no poder, que está em decadência, e a subida de elementos novos.

As revoluções distinguem-se do simples golpe de estado pela modificação profunda da constituição econômica, política ou religiosa de uma comunidade humana.

Tôda revolução constitúe fato de intensa mobilidade social, porque se retardou a circulação da elite política, provocando enorme desequilíbrio social.

Sociológicamente, a gênese das revoluções está no acúmulo de elementos inferiores na elite governamental, e de elementos superiores descontentes que não estão na elite governamental e que dirigem as camadas populares descontentes.

Donde as três causas fundamentais na gênese das revoluções políticas que se interdependem funcionalmente:

a) Crise econômico-social. Uma das leis fundamentais que regem o determinismo histórico das revoluções, confirmada pela revolução francesa de 1789 e pelas três revoluções russas do século XV consiste no seguinte: a revolução é impossível sem uma crise nacional cerca que alcance os povos explorados como aos exploradores. É preciso que as massas exploradas e oprimidas tenham concência da impossibilidade de viver como antes e reclamem mudanças;

b) acúmulo de elementos inferiores na elite governamental que está no poder.

Só quando as camadas não querem mais o velho e a elite governamental não pode opôr-se a isso, tem probabilidade de triunfar uma revolução. Isso se justifica, sociológicamente, pela decadência da elite governamental no poder, porque perdeu a energia suficiente para reagir com violência, que perdeu as qualidades de astúcia, habilidade e não sabe mais fazer uso da fôrça.

Levou em conta a Jacquerie de 1358, revolta da plebe francesa contra o rei João II, com a revolução de 1789 e faça-se a comparação sociológica: na primeira, a reação violenta dos nobres, na segunda êstes já tinha perdido tôdas as qualidades de energia que possibilitassem o uso da fôrça estando inteiramente imbuidos de tendências humanitárias.

c) homens superiores, que não se acham na classe governamental no poder e que dirigem as camadas populares descontentes.

Êste elemento, como os outros, é de notável importância no desequilíbrio social das revoluções. Tais homens constituem os gênios, os talentos políticos.

DEUS E A FINALIDADE DO MUNDO

ALCANTARA NOGUEIRA

Encontrar em tudo uma finalidade relacionada à vida humana — eis uma das heranças mais antigas que o homem civilizado recebeu de seu ascendente da caverna. Segundo acreditavam os primitivos, nenhum fenômeno ou fato diário poderia existir que não fôsse para indicar a intervenção — boa ou má — da divindade ou de espíritos malignos. Além disso, tudo que existisse, forçosamente, teria um fim, isto é, estaria sempre relacionado com a própria vida do indivíduo. Essa ficção da mentalidade da infância do homem, em vez de diminuir com o decorrer dos tempos, pouco a pouco aumentou tanto, que chegou a se transformar em dogma universal no pensar de quase todos. Realmente, todos os sêres do Universo passaram como que a ser verdadeiros escravos do capricho humano. Cada um, variando a forma de imaginar, se arrogou o direito de determinar o **para** que de tudo. A confusão foi, nem poderia ser de outra maneira, a maior possível. As interpretações não eram produtos de análise, senão decorrência de paixões e preconceitos do indivíduo. Bem que se poderia afirmar ter, cada homem, a pretensão de submeter à sua fantasia o inconsciente das coisas para, daí, fazer delas julgamento de finalidade, segundo a sua conveniência. Fato curioso, porém, foi que quando os homens quiseram dar uma finalidade à Natureza na sua totalidade, incapazes de entender o verdadeiro significado que a mesma possuia, por comodidade mental acordaram que, se ela havia sido criada por Deus, só poderia ter um fim: para o homem reconhecer nela o quanto o ser divino é poderoso e, assim, por seu intermédio, adorá-lo mais, ou coisa equivalente. O mais espantoso de tôda essa ingenuidade é que quase ninguém se lembrou (argumentando com a idéia geral dos teólogos) de que, se Deus é o criador do Universo, criador que todo tirou do nada, como pode êsse mesmo Universo, considerado finito e cheio de imperfeições, servir de meio para reconhecer a perfeição divina? Onde estava a sabedoria de Deus que, deliberadamente, fêz o Mundo cheio de defeitos, como querem, para ter o fim de ser a pedra de toque do seu poder e perfeição? Um sêr como Deus, que na opinião religiosa sabe tudo o que irá suceder, criou algo imperfeito para ter o fim de ser o meio mais grandioso de o homem render-lhe homenagem? ou será que êle não sabia que o produzia de sua criação — o Universo — iria ter essa finalidade? Num ou noutro caso, só é plausível concluir-se que Deus criou imperfeições para, através delas, ser glorificado, ou Deus ignorava a finalidade que iria ser dada ao que êle criou... Inconscientemente, como se vê, os que se apresentam como conhecedores de uma verdade que julgam **incontestável**, reduzem a perfeição divina a esta situação contraditória: Deus criou um Universo cheio de imperfeições, o qual tem a finalidade de o homem, através dêle, reconhecer o supremo poder divino e a sua infinita perfeição. Ou então: Deus criou um Universo sem saber que nêle os homens encontrariam um fim: adorá-lo, reconhecer a sua potência, etc. Como explicar ou conciliar contradições como estas que resultam de considerarem o Universo imperfeito ou indigno de pertencer à natureza divina?

Quem refletir com cuidado, verá que outra consequência não se poderia ter senão essa que se acabou de mostrar. Pois dar finalidade ao Mundo é como dizer que a sua existência não decorre do poder absoluto de Deus, de tal maneira que, existindo o sêr supremo, eis que êle existe também, necessàriamente. Ambos, com efeito, existem, como um só sêr, isto é, causa e efeito existem por tôda eternidade; ambos, por igual, infinitos e divinos na mesma existência e unidade; sem diferenciação, limitação ou divisão; confundindo-se no absoluto, formando o grande todo.

Saint-Just

Por EUCLIDES DA CUNHA

Quando à tribuna êle se ergueu, rugindo
— Ao forte impulso das paixões audazes,
Ardente o lábio de terríveis frases
E a luz do gênio em seu olhar fulgindo.

A tirania estremeceu nas bases,
De um rei na fronte resumou — pungindo —
Um suor de morte, e um terror infindo
Gelou o seio aos cortesãos sequazes.

Uma alma nova ergueu-se em cada peito.
Brotou em cada peito uma esperança,
De um sono acordou — firme o Direito —

E Europa — o mundo, mais que o mundo; a França,
Sentiu numa hora sob o verbo seu
As emoções que em séculos não sofreu!...

Argentina

Por FARIS ANTONIO S. MICHAELE (Brasileiro)

Hasta al pié de los Andes, atrevida,
De un titán la voz de libertad suena.
Inflexible en su fin, de fervor llena,
Es Argentina que surge a la vida.

De Magallanes al Chaco, investida
De gran destino, toda una colmena
Se agita y vibra, con la fé serena
De la gente vencer, más aguerrida.

Majestuoso y grave, el caudal de honor
Las barreras traspone y la amenaza
Destruye del tirano en su furor.

Y, por los siglos, al progreso abraza
La nación más altiva, con fulgor,
Para gloria, Sarmiento, de esta raza.

El Ojo Soterrado

La nieve es negra y densa, y algo impenetrable
En la estación, arriba,
¡? Cuando abrirán la puerta ?

! Oh sangre blanca!
Oh, arte de embalsamar a los cadáveres,
Con más eternidad que el fuego de los siglos !;

Lo no creado nace de este árbol;

El mito muerto,
Vuelve con más vigor que en la edad y piedra;

Una legión de espectros galopando
Sobre las columnas de los muros,
Suena del más allá;

! Y dónde estarán los ojos que penetren
En esa luna de petróleo, adentro,
Para extraerlo, desde las raíces ?;

! Adónde,! adónde ?!

ASSIS FERES
Santiago (Chile). (Del Centro Cultural "Euclides da Cunha")

A um coração que sofre

Eu que te vi outrora a cantar sorridente,
Desmentindo o rigor e a aspereza da vida,
Hoje de vejo quieta, a cismar descontente,
Espelhando na face a alma aonisa e dorida.

Quando em teus olhos leio o infortúnio inclemente,
De confortá-lo sinto a avidez insofrida...
Por assim ser, te peço, ardorosa e ferverte:
— Não me escondas teus ais! Mostra-me tua ferida!

Pois que confidenciar é um ópio que amortece
As torturas cruéis de um peito amargurado,
Confia-me a aflição que te punge, moídosa.

Conta-me o que te fere, e crê que se eu pudesse
Colocaria em mim teu coração magoado
E te daria o meu para te ver ditosa.

REYNALDO STEUDEL

Brasileiros ilustres de sangue indígena

CYRO EHLKE

Já são outras, felizmente, as considerações que hoje dispensamos se fazem, com relação ao real conceito e significado do têrmo.

O caboclismo, evidentemente, já atingiu entre nós fôros de cultura, para suferir opiniões credenciadas de quantos sociólogos e antropologistas houveram por bem estudar o nosso caldeamento racial. Buscando, por essencial, a figura do caboclo, essa mistura de portugês com índio, bastante se nem auferido de uma real consciência da origem primária, de nossa formação. Ao envés de exavolhar, desegrir, trouxar enfim, a figura por vêzes humilde, do nosso caboclo interior, o certo é estudá-lo o suficiente, com remate nas grandes figuras pátrias para assim nos redimirmos, um pouco, do êrro histórico que vimos perpetuando: o falso caboclismo. A figura simplória, do nosso sertanejo, prêdiga em exemplos de bondade e senso hospitaleiro, o espírito afável, amigo, do caboclo interior, antes deveria constituir, para nós outros, exemplo de virtudes morais e cavalheirescas, herdadas, em sua mór parte, de nossos índios, os primitivos habitantes da terra. Nem se deverá cultuar o "caipirismo", sem que se venha a atingir, mais de perto, a brioisidade de nosso sertanejo, nem tanto simplória quanto se a pinta.

É no caboclismo bem informado, na expressão verdadeira, do tipo nacional brasílico, que se põem em evidência as figuras mais representativas da cultura, heroicidade e erudição pátrias. É o caboclo bem representado, que aí se afirma, para dizer de quanto pode a raça nativa tanto e tão injustamente mal conhecida. Aí, então, é que a figura desajustada, imprópria de um JECA-TATU, se tem sobressaído na fibra e rigidez de um MANE XIQUE-XIQUE, de tez morena e face acobreada, a lutar ferozmente contra as intempéries e condições inhóspitas de uma Amazônia, bem representado que foi o verdadeiro valor caboclo, nessa figura lendária de criação de Ribeiraes Alhano.

E é ao voltarmos os olhos para as coisas pátrias, tom são necessidade de estivmar a formação nacional, que teremos despertado, por inadequadas, quintas figuras impertinhas e de fação perniciosa, sobretudo no que diz respeito de amesquinhamento e diluição de nossas reservas de uma consciência brasílica.

E é também, nessa transposição de causa e espírito das coisas, que então teremos visto renascer em nós o sentimento nativista, de apêgo à terra, aos costumes pátrios, às próprias e particulares tendências, o termos em conta as refulgentes figuras de nossa nacionalidade. Ao mesmo tempo, em vetas nos espelhando, compreenderemos que é tempo de corrigirmos o falso conceito, que se lê, do caboclismo e a indevida consideração, do que representou a contribuição indígena ao nosso progresso e cultura.

É um Euclides da Cunha, um Coelho Netto, a êles seguindo numerável lista, no rol dos literatos e cientistas, entre os quais: José Verissimo, Capistrano de Abreu, Rocha Pombo, Augusto dos Anjos, Franklin Távora, Erico Veríssimo, José Basílio da Gama, Teófilo Dias, Brandão Amorim, etc.

Já em nossas lides militares e políticas, iremos encontrar a contribuição de um Floriano Peixoto, de um Chadiá Mariano da Silva Rondon, assim como, Quintino Bocayuva, Benjamin Constant, Diogo Feijó, Prudente Moraes, Pinheiro Campos Sales, Assis Brasil, General Bernardino Borman e tantos outros. Nem o clero deixou de ter seus representantes caboclos: o Cardeal Arcoverde, D. Romualdo de Seixas, Padre Bisápina, etc. E nem seria lícito, igualmente, esquecer a contribuição artística, prestada por um Pedro Américo, um Carlos Gomes e outros mais. Na jurisprudência: Clóvis Bevilágua, Pontes de Miranda, João Mendes, etc.

Como vemos, é grande, imenssíssima, a contribuição caboclo em todos os setores de atividade. Isso, para lembrar a evidência cultural, artística, científica, militar e política, pois que, para representar a bravura, o patriotismo e a heroicidade de nossa gente, é também numerável a relação:

Ei-los: Jerônimo de Albuquerque Maranhão, Felipe Camarão, as figuras destemidas e bravas dos índios indígenas, que tanta colaboração emprestaram às causas do Brasil colonial, mórmente no que tange às expulsões francesa e holandesa, tais como: Tabira, Tibiriçá, Arariqóia, Piragibe, Piragiaçaçú, Tapinambá, Itiúnga, Potiguaçú, Acunauré, Coaquira, Piedade, Iniguaçú, Ajuricaba, etc. etc.

É mistér, portanto, que tenhamos sempre em lembrança as figuras ilustres dessa pléiade de homens caboclos, tidos as vêzes que, por fôrça de hábito ou costume do meio ambiente, percebamos alguém discriminar, esquecer, empregar o têrmo a título pejorativo, enfim, a quanto caboclo nosso favorecido. Êsses que nos legaram um Brasil mais brasileiro, mais caboclo, nos devem merecer nosso inteiro respeito e gratidão.

E é assim que, impregnados de um real sentimento nativo, de brasilidade na expressão nata da palavra, teremos nos aproximado, em alma e coração, qualquer que seja nossa procedência racial, da fonte nacional de brasilidade: o caboclismo.

Ponta Grossa, 20 de fevereiro de 1951.

AS RAÇAS NO BRASIL

O povo do Brasil tem diversos antepassados.

Nas veias dos colonos portugueses corria sangue celtiberico, fenício, latino, mouriscu e judeu. Esta herança veio a misturar-se, até certo ponto, com o índio aborígene e, mais tarde, com o negro. Os portugueses nunca alimentaram preconceito racial, e há pouco ou nenhum, hoje, no Brasil. Alguns dos estadistas, heróis, cientistas e artistas do Brasil têm sido de origem índia ou negra, pura ou misturada. Mas, êles são olhados simplesmente como brasileiros. Não há estatísticas sôbre a composição racial do Brasil. A lei proibe distinções de raça ou côr. Os arquivos da escravidão foram queimados. As mais destacáveis das importantes áreas, sinteticamente falando, são aproximadamente as seguintes: **O vale amazônico**, grande: outro índio; **a costa central**, de Pernambuco à Bahia, mais de 60% negróide; **o sertão do nordeste** ou plateau elevado, habitado por u'a mistura branca e índia; **os Estados do sul**, cêrca de três quartos (3/4) brancos. Alguns historiadores falam de raça brasileira. Embora tenso não seja ainda um têrmo adequado, a população que tem emergido da amalgamação das raças é composta de indivíduos bem, dotados pela herança e pelo ajustamento ao ambiente para realizar a promessa que está contida em seu pôdo.

(**E. F. Hansen — "Latin American Republics"**, **páginas 18 e 19**).

Tardes Princesinas

RIBAS SILVEIRA

Nessas tardes brasílicas de Outubro,
Quando o sol vai no poente se sumindo,
Por detrás do pitíhal, tremelgindo,
Ajoelho-me no chão e me descubro...

Sinto-me dentro de oriental dolubro,
Murmuro preces de um fervor infindo...
O céu todo listrado de ouro e rubro,
É o manto de Jeová mais novo e lindo!

Poentes de minha terra. O Maravilha!
Tem fôrros mil... capões pela coxilha...
Deses aos vales a sombra fresca e terna.

Os rebanhos dispersam na campina...
Tardes de Ponta-Grossa... obra divina!
Ninguém te roubá essa beleza eterna!

Euclides da Cunha (Fragmento de Conferência)

Pelo GENERAL RONDON

(O extraordinário índio brasileiro saúda o seu irmão racial).

Bem estranho há de parecer a muitos que um sertanista quase alheio ao manêjo cotidiano das louçanias e gentilidades da vida esplêndida de um grande centro civilizado, se tenha decidido a arrostar as dificuldades e os perigos de uma cátedra e conferencista.

Acreditaram, quem sabe? os que encontram a explicação de caso tão novo na imprevidência que se há de esperar de quem, por dever de ofício, se acha de há muito acostumado com a idéia de ter de afrontar todos os riscos e lançar-se a tôdas as aventuras.

Vêde, entanto, quanto a verdade se distancia das aparências: não foi minha a decisão de que nesta hora vos dirigirei a palavra, nem eu o fiz sem vos lastimar pela decepção que ides sofrer.

Porque vos foi dito pela voz da FAMA que hoje teríeis aqui uma conferência, quando na verdade vereis que apenas tenho para vos dar umas notas esparsas, e bem descosidas, de alguns dos aspectos morais, políticos e mentais que rodearam a formação do espírito e do caráter de Euclides da Cunha, e um punhado de saudades para derramar sôbre o seu túmulo.

De tamanha pobreza é legítimo que vos queixeis, mas ainda assim estou que não regateareis as flôres da vossa boa vontade e simpatia pela consideração de que, se dou pouco, é porque mais não tenho, pois que tudo que era meu passa a ser vosso.

Até certo ponto, parece justo que, depois de sôbre o mérito ou obra literária de Euclides se haver recolhido o depoimento dos que para isso receberam a necessária investidura do talento e da competência, fôssem chamados a dizer sôbre os seus menores gestos e a modestas circunstâncias de sua vida os que o conheceram, quando êle ainda se preparava para a ascensão, em que reverberia o ósculo da glória e o galardão da imortalidade.

Membros do Grêmio consagrado a perpetuar tão insígne memória, e meus amigos, entenderam de me distinguir com a designação para iniciar esta nova fase das comemorações Euclideanas. Com certeza, obraram êles sob o impêrio de uma instintiva impulsão, que os inclinava a procurar uma prova objetiva de que a memória de Euclides vive por si mesma na alma de seus admiradores, e não pelo valor e beleza das efusões que anualmente lhe dedicam os mais brilhantes espíritos dos nossos dias.

Enquanto não consegui penetrar o recôndito sentido da inspiração, que assim movia aqueles meus amigos, resistilhes; mas, por fim, abriram-se-me os olhos, rendi-me; e eis-me aqui, deante de vós, — cumprindo a missão que neste passo me coube de provar como o culto à memória de Euclides, entre vós se mantém pelo calor e brilho de uma palavra evocativa de fortes emoções, brotadas do seio de fulgurantes arroubos de grandiloquentes discursos.

Evoco, pois, as imagens queridas dos acontecimentos gloriosos e das figuras veneráveis, que no mais íntimo recesso do meu sêr vivem em discreta vigília, sempre atentas ao chamado da saudade nos escassos momêntos em que me é dado refugiar-me dentro de mim mesmo e retemperar a minha alma ao calor de belos sonhos já vividos. E assim começa a desfilar deante de meus olhos aquele trecho de minha vida que transcorreu de 1.886 a 1.889, e do meio de muitas sombras indecisas, já quase apagadas, destacam-se os perfís de contôrnos exuberantes, que palpitam e movem-se como sêres eternamente vivos e ternos engendradores de altos pensamentos de entusiasmo, fecundadores imortais de almas sequiosas de se devotarem ao amor e ao serviço de grandes e generosos ideais.

Foi nesse tempo, e foi ali, ao sopé de duas penedias, que se levantavam, como testemunhas das portentosas fôrças que brotam do solo sagrado de nossa Pátria, tendo à vista o exemplo da rebeldia indomável das vagas que, incessantes, renovam os assaltos contra a praia, em que se quebram...

Foi ali que os moços militares da geração de Euclides sorveram, a plenos haustos, as inspirações do Futuro, que vinham das profundezas de uma grande alma, como as ondas vinham do seio do oceano que se perde para além das brumas esbatidas do longínquo horizonte.

E a figura de Benjamim Constant, a personificação acabada de tôdas as grandezas que podem embelezar o coração e a alma de um homem eminente, que dominava o cenário e dá ao tempo a sua feição cavalheiresca e heróica.

. . . . . .

Euclides da Cunha recebeu a impressão fortíssima dêsse momento indelével da nossa história, êle viveu nesse meio em que, ao fogo de vasta instrução científico-filosófica, forjaram-se os espíritos de alta têmpera da geração militar que teria de presidir à transição do antigo Exército semi-colonial, do nosso desajeitado regime imperial, para o Exército republicano, consciente da sua missão social e política, que se vem formando agora sob os nossos olhos.

Vivíamos a quadra feliz em que a alma se alimenta de sonhos generosos, e se os tem bem formosos, nada mais exige para transbordar em movimentos exuberantes de entusiasmo.

Combatíamos pela liberdade de concidadãos que víamos dêntro de sua própria Pátria, que também era nossa, curvados ao pêso de infanda mistiuição, que os entregava acorrentados aos caprichos e à ganância de outros homens. A inominável injustiça e odiosa opressão já tinham contra si levantada a consciência inteira da Nação, que, por miríades de vozes, lançava o seu protesto em clamor, que vinha do passado, ia crescendo, enchendo, dentro em breve, o espaço e, por fim, venceria e quebraria as vontades que lhe vinham opondo, até transformar-se em formidável brado de vitória e de glorificação.

Mas, a alma da mocidade, uma vez posta em vibração, não se deteria mais na ascenção para o ideal que se havia pre-traçado; já agora se desarraigaria do solo da Pátria o velho tronco, cuja sombra fizera, por tanto tempo, jazer entorpecida a alma do povo brasileiro.

A Santissima Trindade

Conto de CLAUDIO DE SOUZA (Rio de Janeiro) — fala o que o pai manda.

— É o Espírito Santo?

— É a "maginação", que não se sabe donde vem, mas obriga a gente a fazer muita coisa sem saber porque.

E rematou:

— Pois aí está "seu doutô", a trindade, três pessôas numa só pessôa verdadeira.

Aplausos. Risos — Eh, Nha Tudinha bôa!...

Como eu me conservasse em silêncio, o tabelião local, meio herége, falou por mim:— O doutor não responde porque não quer. Ora diga-me a senhora: Cristo que é filho veio ao mundo e morreu crucificado. A senhora nunca viu nenhuma boca sair do corpo e andar pelo mundo.

— Não, redarguiu Nha Tude — mas já tenho visto muita boca dizer asneira!

Foi uma gargalhada geral:— Quiá! Quiá! Quiá! Eh, Nha Tudinha "braba".

O tabelião resmungou "cretinos", e veio colocar-se a meu lado. Mas a caipirona continuou:— Nunca vi boca andar? Então as palavras não vão pelo mundo afóra? É muita gente por causa delas não é crucificada? e os livros não vão prêgando tanta coisa, como os filhos do Padre, do "cêbero" ? E tudo isso que é? É o Padre que está na terra e o Espírito Santo que está soprando!

Novos aplausos. Eu e o tabelião estávamos sucumbidos. O tabelião disse-me ao ouvido: Vamos dar uma volta. Isso é uma cambada de animais.

Já lámos saindo, quando um caipirinha, magro, sêco, côr de sarro de cigarro de fumo picado, comentou:

— Mecê tem razão, Nha Tude! É isso "inerme"! Nós "semo" a Santíssima Trindade em pele humana. Mas Nosso Senhor errou na escolha do couro, porque nós "semo" a pele do demônio. "Principarmente as muiê"...

— Quiá!... Quiá!... Quiá!...

— Pessoal besta! — disseme o tabelião, no terreiro.

— Besta nada! Nenhum teólogo jámais deu uma explicação tão simples e tão clara do mistério da Trindade! Superficialíssima e profundíssima, ao mesmo tempo.

— É o Espírito Santo? É a "maginação", que não se sabe donde vem, mas obriga a gente a fazer muita coisa sem saber porque.

E rematou:

— Pois aí está "seu doutô", a trindade, três pessôas numa só pessôa verdadeira.

Aplausos. Risos — Eh, Nha Tudinha bôa!...

Como eu me conservasse em silêncio, o tabelião local, meio herége, falou por mim:— O doutor não responde porque não quer. Ora diga-me a senhora: Cristo que é filho veio ao mundo e morreu crucificado. A senhora nunca viu nenhuma boca sair do corpo e andar pelo mundo.

— Não, redarguiu Nha Tude — mas já tenho visto muita boca dizer asneira!

Foi uma gargalhada geral:— Quiá! Quiá! Quiá! Eh, Nha Tudinha "braba".

O tabelião resmungou "cretinos", e veio colocar-se a meu lado. Mas a caipirona continuou:— Nunca vi boca andar? Então as palavras não vão pelo mundo afóra? É muita gente por causa delas não é crucificada? e os livros não vão prêgando tanta coisa, como os filhos do Padre, do "cêbero" ? E tudo isso que é? É o Padre que está na terra e o Espírito Santo que está soprando!

Novos aplausos. Eu e o tabelião estávamos sucumbidos. O tabelião disse-me ao ouvido: Vamos dar uma volta. Isso é uma cambada de animais.

Já lámos saindo, quando um caipirinha, magro, sêco, côr de sarro de cigarro de fumo picado, comentou:

— Mecê tem razão, Nha Tude! É isso "inerme"! Nós "semo" a Santíssima Trindade em pele humana. Mas Nosso Senhor errou na escolha do couro, porque nós "semo" a pele do demônio. "Principarmente as muiê"...

— Quiá!... Quiá!... Quiá!...

— Pessoal besta! — disseme o tabelião, no terreiro.

— Besta nada! Nenhum teólogo jámais deu uma explicação tão simples e tão clara do mistério da Trindade! Superficialíssima e profundíssima, ao mesmo tempo.

Medeiros e Albuquerque

(Facetas de sua personalidade)

(DE UM ESTUDO FEITO POR SEU ILUSTRE IRMÃO, O PROF. MAURICIO DE MEDEIROS)

Se a falta de diplomação universitária, para a qual não teve tempo, marcou Medeiros, para uso oficial, como superficial e simples amador da ciência, a falta de um círculo de relações sociais, cultivada com cuidado de quem não esquece bodas ou batisados, missas ou enterros, festejos em família ou datas natalícias, fêz de Medeiros uma espécie de intruso nesse meio social, que faz a fama de que se ornam os grandes nomes.

Êste não era um nome que saísse dessa fábrica. O meio social via-o crescer por si, a golpes de talento, pela fôrça de um privilégio, de que nem sempre cuidam os que fazem a fama patenteada: a inteligência!

O meio social acaba, nesses casos, aceitando a reputação para a qual não contribue. A opinião pública é que faz êsses nomes. A sociedade ratifica a escolha...

Mas é sempre resmungando, e com ânsias de encontrar defeitos para a demolição! Foi a despeito dêsses precalços que Medeiros e Albuquerque venceu. Mas quando se mede seu formidável valôr e se procura vêr da utilização que o país lhe deu em cargos oficiais, tem-se bem nítida a impressão de que, para homem de tamanho porte, foram medíocres os cargos que lhe deram. Nem mesmo no mundo das letras êle recebeu as consagrações oficiais a que fazia jús, porque o ser da Academia, êle o foi como seu fundador e até criador, mas dentro dela o de que o incumbiam era de trabalho, com poucas honrarias, que o pudessem fazer elevar-se muito acima de seus pares...

É certo que Pernambuco o fêz deputado federal. Mas no sistema presidencial, q u e adianta, para um homem de valor, ser deputado? Medeiros fêz o primeiro projeto de lei sôbre expulsão de estrangeiros, sôbre direitos autorais e propriedade literária. Mas muito cedo Medeiros se convenceu da inutilidade da função de deputado no presidencialismo.

Para ser-se oposicionista, precisa-se ter eleitorado. Para conquistar e manter eleitorado, precisa-se fazer da política eleitoral uma profissão, com completo abandono das demais ocupações, inclusive a de cultivar o espírito! Ao cabo de alguns anos dêsse oposicionismo independente, esteiado num grande corpo de eleitores, perde-se contato com as coisas da inteligência. Fica-se um simples político sagaz, falastrão — mas com a cultura de qualquer Coronel do interior.

Se se é governista, o embrutecimento tem de ser mais rápido, espontâneo e artificialmente buscado para que a imbecilização se processe velòzmente na massa informe das maiorias...

Medeiros não quis se imbecilizar. Sua inteligência, em constante ebulição, trabalhava sempre. Mas o que ela produzia êle dava generosamente aos outros, pelo só prazer de vêr realizadas suas idéias. Nestes terreno êle ia dos mais nobres ideais até às nonadas de gramatiquices.

O vocábulo "motorista" é criação sua. Como o fêz acertar? Por um chefe de polícia amigo, que o meteu num regulamento para designar os chuféres. O sêlo pan-americano e a idéia de uma taxa única para a correspondência continental são obra sua. Como? Êle fêz desenhar um modêlo de sêlo, com efígie de cinco grandes homens da América: José Bonifácio, Bolívar, San Martin, Mitre e Lincoln. No desenho estava inscrito o valôr do sêlo: 200 réis — o mesmo que, na época, era o da correspondência originária dentro do país. Fêz o Ministro da Viação, seu amigo, mandar imprimir o sêlo e concordar com a taxa uniforme continental.

Hoje fala-se, de novo, muito em pan-americanismo, em dia da América, em intercâmbio cultural americano. Medeiros já em 1909 — há, pois, 26 anos, — encaminhava êsse continentalismo para um terreno prático: o da facilidade de comunicações postais, terreno a que não faltou mesmo uma audaciosa sugestão ao Barão do Rio Branco para uma estrada de ferro transcontinental ligando o Atlântico ao Pacífico com a aquisição de um pôrto para o Brasil na costa do Pacífico! É o curioso é que o Barão achou ótima a idéia e chegou a iniciar negociações, de que deve haver vestígio no Itamaratí, para a sua realização.

Medeiros e Albuquerque, ainda deputado, teve um dia uma idéia que bem se pode dizer precursora do plano rodoviário do sr. Washington Luiz.

Pareceu-lhe que se se deixasse aos Governos o privilégio da iniciativa na construção de estradas de rodagem, a política dominaria o interêsse real das localidades, com recursos econômicos sensíveis. Como dar a estas e a seus homens essa capacidade de iniciativa? Estabelecendo um sistema de remuneração uniforme e insofismável para quem inverteesse capitais na construção de tais estradas. O Govêrno tem para isso uma possibilidade: o valôr das etapas dos

(Conclue na 12ª página)

ESCRIBE SANTIAGO GASTALDI para "TAPEJARA"

ROMAIN ROLLAND

Por EUGEN RELGIS

La cultura debe medirse por el alto exponente que encierra la obra de un autor y no como equivocadamente se ha dado llamar aquelles libros que solo representan para el pueblo un narcótico de efectos perniciosos, como comunmente se ha podido comprobar en la larga lista de producciones de las editoriales.

Escojo de la producción internacional de Eugen Relgis, Romain Rolland, como un excelente ejemplo para fomentar la contribución a la cultura de nuestro pais, ya que la citada obra está editada en Montevideo, y gracias a la desinteresada cooperación de la Comisión cultural de la Asociación de los Estudiantes de Medicina, quien en un esfuerzo digno de aplauso la juventude tendrá oportunidad de asimilar estos interesantes conocimientos.

Es necesario tambien advertir a el lector que en verdad nuestra producción ha decaido un tanto, cuando ella se refiere a el sentido analítico que con tanto esmero cultivo el mismo Rodó. Muy rara vez se puede hallar estudios que enfoquen a los grandes genios extranjeros, y si mucha cultiban las letras; estos solo cumplen su misión de crear un libro, donde solo han de volcar sus inspiraciones (poesia, novela cuento); mas estos solo cuidan de que sus obras sean festejadas por el círculo de amistades; en tanto el ensayo, la biografia, el estudio paciente para investigar a los genios de la cultura internacional, está fatalmente relegado al olvido.

Por esto, debemos expresar muy satisfatoriamente, el valor que representa la obra del Sr. Relgis, Romain Rolland, en nuestro ambiente. No debemos olvidar que el mismo Rodó, expresaba que su influencia de los genios, como Renan, Montesquieu, Carlyle, Emerson, Guyau, etc. etc, habían podido ejercer una poderosa influencia en su personalidad literaria y filosófica.

Por eso, la genial figura de Romain Rolland, podemos considerarla con las palabras del autor de Los Héroes, en aquella difinición tan propicia para el autor de Juan Cristóbal.

El héroe como escritor, del cual nos ocupamos hoy, es producto exclusivo de nuestro tiempo, y mientras subsista el arte maravilloso de la escritura y el no menos maravilloso de la imprenta, puede asegurarse fundadamente que continuará siendo una de las más principales formas de heroismo que legaremos a las edades venideras."

La tarea proeminente, del Sr. Relgis, es de haber recogido de su maleta el lote de cartas, y dar a luz este proceso psicológico, que ponen en juego las conciencias libres. Este demuestra una vez más lo que significa la correspondencia entre intelectuales, pues de este modo, podemos sorprender intersantes conjeturas que en muchas veces no serian expuestas en el texto de un libro. Hay razones para creer que, en estas Cartas y Contrastes, surge una nueva luz, en el debate del largo proceso sobre el tema humanitarista.

Particularmente nosotros, devotos del gran solitario de Villenuevo, conociamos y hemos profundizado la obra de Romain Rolland, especialmente en aquella parte de temas musicales, como Beethoven, Haendel, La ópera en Europa antes de Lully y Scarlatti, y muy interesante su devota admiración por aquella amiga confidencial que se llamó Malvina von Meysenbug y que le ha hecho conocer la música wagneriana.

Pero, en el libro del Sr. Relgis, anotamos una nueva faz poco estudiada y es este sentido humanista que tanto sintió el viejo Tolstoi y que ahora encontramos en nuestro pais un fiel heredero de los luchadores de ese ideal, cuyo libro está expuesto en una serie de cartas, las apiraciones de estos hombres de letras.

"Este libro es más bien un testimonio, una colección de "documentos vivos" que exceden, en todo caso, el interés estrictamente personal. Es también la expresión de una experiencia, que no es solamente la mia, pues otras preocupaciones intelectuales y sus aspiraciones éticas y espirituales."

Aclarada esta noticia del propio autor, podemos revisar el texto para hallar referencias muy interesantes sobre Augusto Forel, Gorg-Fr Nicolai, H. H. Follin; además, al cotejar estas cartas, hemos hallado las inquietudes americanas, donde escritores de este hemisferio han cooperado para cristalizar este nuevo Evangelio. Por otro lado, podemos apartir la trayectoria espiritual de Romain Rolland, ha quedado bien demostrada en el capítulo: Romain Rolland, conciencia libre, 1914-1919. Relgis ha escrito páginas admirables, cuando ha visitado al solitario de Villenueve. Estos gratos recuerdos del escritor rumano, quedan alli como un fiel testimonio de su admiración a su maestro.

Consecuente en su ideal, este escritor no ha medido esfuerzos para luchar por la superación humana; no en vano han servido las lecciones del autor de Los precursores. Relgis sabía que la lucha era feroz, que demandaria mucha táctica; pero su temperamento luminoso acabaria por abrir una senda, entre el mundo civilizado; entre esa juventud, anciosa de aprender nuevos ideales, para olvidar la polilla de nuestros viejas costumbres, donde los facistas sacan provecho para su codicia, y siémbran el odio a los hermanos de patrias extranjeras.

El autor de "Clérambault", posee tambien la sabiduría de captar otras culturas, habiendo expuesto para los Europeos, Ensayo sobre Mística, y la Acción en la India Mística; La Vida de Ramakrishna, La Vida de Vivecananda, y la de su devoto maestro el Ghandi. Fué ilustre viajero y el, en cada libro, deja una expresada su tránsito por tierras de Oriente.

R. Rolland tiene varias facetas en el largo proceso intelectual, y es un genio muy versado en la diversidad de sabidurías, que es necesario estudiar con dedicación y esmero.

Seguramente que una apretada crónica no vamos a pretender revelar todo el gran contenido del libro del Sr. Relgis, pero podemos asegurar que se halla aquí una faz poco vecces tratada, y es esto una excelente ocasión de poder estudiar, detenidamente, este ensayo para ampliar nuevos conocimientos sobre la personalidad del autor de Clérambault.

El humanitarismo no es hoy una simple expresión verbal, vagamente idealista, sino que resume las tendéncias de progreso de toda la humanidad. El humanitarismo intuitivo y moral preconizado por las viejas religiones ha adquirido, con ayuda de la ciéncia moderna, una amplitud y una claridad que la hacen accesible a los que obedecen a la voz del corazón así como tambiente a cuantos siguen los imperativos de la razón.

Solidarizarse con estos conceptos vertidos en esa obra, buscar otras razones expuestas, vivificar el sentido humanista, llenar este vacío para encontrar al hermano; es por su sentido espiritual un libro que recomendamos a la juventud estudiosa; pues este texto contiene un nuevo y util mensaje para la dignidad humana.

Y diré mas, recordando a Maeterlinck, Y tu mismo, en tus pobres pequenas perplejidades, trata de contener la lengua durante un día, Y i verás cuanto más claras son tus designios y tus deberes...

Montevideo — Febrero de 1951.

San Martin

(Trecho da palestra proferida pelo sr. Prof. Luís de Gásperi, da Faculdade de Direito de Assunção, a 12 de agôsto último, no Salão Nobre do Círculo Social de Formosa, Argentina).

Senoras, Senores:

Mis jóvens compatriotas, colegas ha largo tiempo radicados acá, con bufete abierto en el foro local, algunos de ellos con hijos argentinos, los más ex alumnos nuíos en la Faculdad de Derecho de Assunción, y médicos otros, queriendo testimoniar su adhesión a los home majes rendidos a la memoria del General don José de San Martín, me han pedido una disertación conmemorativa del centenario del fallecimiento del prócer, y naturalmente es que(aun siendo transitoria, como espero, mi estadia entre vosotros, no haya podido resistir a tentadora cuan simpática invitación, sin riesgo de quebrantar los vínculos de estrecha solidariedad que nos une a paraguyos y argentinos en el culto de la libertad, del que el Santo de la Espada fué, es y será, como es Washington en los Estados Unidos, Simón Bolivar en las secciones del Norte de nuestro hemisfério, y Juana de Arco en Francia, lo más grande y lo más puro de la historia que el ciudadano puede alojar en su corazón para alimentar su fe en la paz inconmovible, el progresso incesante y el destino grandioso de la República Argentina. Escrita por Mitre la historia de San Martin, no tendría perdón que yo osase incursionar en ella, harto conocidos, como son, los más nimios detalles de su larga y accidentada existencia, desde su nacimiento hasta el instante en que expiró, lejos de su patria amada, en la desolada soledad de su voluntario destierro. Sumada a esa epopeya la divulgación de otros aspectos de su personalidad por la musa inspirada de Ricardo Rojas, y la devoción afectuosa de Fray Pacífico Otero, torna atrevido y ocioso todo retoque de la excelsa figura del prócer, más fuerte y nitidamente grabado en el sentimiento argentino que el estatuario pudo fijarlo con incisión perdurable en el bronce, rival de los siglos.

Por la vastedad y la profundida del amor, la veneración y el fervor con que todo ciudadano cultiva acá la memoria de San Martin, son hoy consubstanciales los conceptos incorruptibles de Dios, Patria y Libertad en la conciencia argentina, como dictado insobornable de la democracia fundada bajo el signo de su espada invencible. De ahí la uniformidad con que desde el soldado al general se estructure una noción del deber vaciada en los moldes de aquel arquetipo de patriota, puesta al servicio de la ley para afianzar la justicia, garantizar el orden, la seguridad y el trabajo fecundos, praticar la tolerancia y hacer duraderos los beneficios de la libertad y del bienestar general al favor de los cuales se ha visto crecer a esta noble nación cada dia más fortalecida por el esfuerzo común y la felicidad de sus hijos y más capacitada para la consecución de sus grandes e imprevisibles destinos.

No de escasa montada son las ventajas derivadas para propios y extranos de la consagración al trabajo al amparo de vuestras instituciones, bajo la tutela de la justicia sabia, incorruptible y protectora, administrada por vuestros magistrados.

Los derechos humanos que en la vieja Europa acaban de ser definidos y convencionados por asambleas internacionales, son una cosa vieja acá, donde, tan amplia e inalterablemente y desde los días iniciales de la República, se respetó la opinión ajena aunque repugne a la propia, así ésa en el orden político, como en el religioso, y se confiere al hombre, independientemente de sua calidad de ciudadano, el privilegio de vivir sin sobresaltos y de disfrutar de esta suerte del lote de filicidad que Dios, en su infinita sabiduría, le ha deparado.

No es otro, sino ese hombre libre y sin miedo el que roturó la inmensidad pampeana y la transformó en uno de los mantos; botó al rio y al mar las naves y buques que los surcan cargados de los productos de vuestro suelo, como diligentes mensajeros del bienestar y progresso argentinos, ondulante la gallarda bandera de Belgrano al tope.

Es ese mismo hombre libre y sin miedo el que en Tucumán proclamó la Independencia; el que en Santa Fé juró la Constitución del 53; el que compiló las leyes civiles y mercantiles rectoras de vuestra sociedade laboriosa y pacifica; el que en la Escuela, los colegios y las Universidad adoctrina a la ninez y a la juventud y las moldea y capacita para servir a la Nación a imagens y semejanza de su fundador, del padre de la patria, del Santo de la Espada, tipo cimbrado y eterno, ejemplar y modelo del ciudadano plasmado de la arcilla imponderable, incoercible y pura de su amor a la libertad.

Es ese mismo hombre libre y sin miedo, de auténtica cepa sanmartiniana el que alienta en el reformador social y constructor genial y prestigioso que es vuestro Presidente, el General Perón, a quien el proletariado debe la redención economica que, por su consagración al trabajo, se merecía dentro de una concepción más humana y más justa de la empresa, no a inspiración de principios foráneos de nivelación en la miseria, observados en el paraíso comunista por hombres y pueblos que jamás, ni en los más remotos tiempos de su historia, conecieron la emoción hasnfia de la libertad que a nosotros nos estremece desde la cuna hasta la tumba, sino de una purísima concepción de la solidaridad humana en el gobierno de la riqueza procurada por la labor proletaria alentada por el capital y la intelligencia que la incentivan, estimulan y promueven; a quien la economía argentina debe el rescate de la deuda externa, la nacionalización de sus grandes instrumentos de comunicación, como los ferrocarriles, el telégrafo y el teléfono; la centuplicación del tonelaje de la flota mercante del Estado, promovida hoy a tercera del mundo; la valoración de los productos del suelo por la obtención en el mercado internacional de precios compensadores del sacrificio que cuestam, indispensables para alentar al ganadero y al agricultor a perseverar en su pacífico esfuerzo y a procurar a las industrias vernáculas, hasta ha poco incipientes, los recursos que las capacite a satisfacer por si solas las demandas del consumo interno, tal como acontece en las naciones de más antigua y perfecta organización de su economía. Omito recordar su valerosa reforma constitucional, porque juzgo que su substancia escapa al juicio de los extranjeros. Su valoración solo está reservada al argentino, su enjuciamiento a la historia.

Diré si que es ese mismo hombre libre y sin miedo el que estimula a su companera y mujer — y he nombrado a doña Eva Duarte de Perón, la primera dama argentina —a proteger a su lado y en los ámbitos de la República una novedosa y singular manifestación de esa benevolencia a la que los anglosajones dan el llamar "Charity", por la afectación de un capital a un fin, bajo la forma de fundaciones que tan importante funcción desempenan en los Estados Unidos para combatir la enfermedades y contrarrestar la miseria donde quiera que ella asome su fatídica sombra, ora como desgracia, ora como estrechez o pobreza extremada, ora como infortunio que inhabilite al que lo padece a liberarse de su desdicha o de su adversa fortuna.

La asistencia social así prestada, en cuanto es obra de liberación, es sin duda de estirpe sanmartiniana, pues, no otra cosa simboliza la espada del prócer que la redención de los oprimidos, de los perseguidos, de los que sufren, de los que padecen dolor, congoja o cualción o molestia.

Quando...

LAURO HAIT SCHWAB

QUANDO estiveres com teu rosto escorrendo suor,
na árdua luta pela tua subsistência e a dos teus;
QUANDO, a-pezar do teu grande esfôrço e dedicação,
a miséria, a desgraça e o desânimo contigo morarem;
QUANDO por uma atroz moléstia fores atacado
e cruciantes forem teus padecimentos físicos;
QUANDO fores injustamente caluniado
e incontida fôr tua revolta, provocada pela dôr moral;
QUANDO estiveres desesperado
e achares que melhor seria não teres nascido...

QUANDO tudo isto acontecer,
lembra-te que êsse Vale de Lágrimas é transitório,
que tens uma alma e que essa alma é imortal;
e, se tudo sofreres com resignação:

Então, meu amigo, terás cumprido tua grande tarefa,
terás, galhardamente, te desincumbido da tua verdadeira missão e,

QUANDO teu corpo — que é pó — voltar a ser pó,
glorificará teu espírito, criado à semelhança de Deus!

(Ponta Grossa)

x x x

Teu Nome

POR HELLY ESPÍNOLA

"PARÓDIA DE TRÊS CARTAS"

Há um momento, em que a alma, entristecida,
Vai-se-me, pelo espaço imenso, voando;
E bem quando eu me lembro, vês, querida,
Que teu nome ousei pronunciar — ... Brincando.

Haverá um dia, que o pensamento
Se repousará num pesar infindo;
Será isto, por certo, no momento
Que eu pronunciar teu nome, já... Partindo.

Mais tarde ainda, me virá a lembrança
De um lacrimoso dia, atroz e horrendo;
Em que, perdida tôda essa esperança,
Pronunciarei teu nome, então... Morrendo!

(De Meu Álbum) — Ponta Grossa

x x x

Estranho

Quantas vezes perdido em profundos cismares
Procuro a explicação do meu próprio viver;
Sinto que sou estranho aos meus próprios olhares,
Que vou vivendo sem sequer me conhecer.

Não compreendo porque, sendo moço, tenho ares
De quem muito viveu e cansou todo o sêr
Numa lida insidiosa e cheia de pesares,
Cuja origem fatal busco em vão entender.

Da imensa incompreensão que achei no mundo, aflito,
Levo no coração uma descrença atroz
E levo na minh'alma um desgôsto infinito.

Por isso é que caminho assim calado, a sós:
Um éco aterrador escuto em mim se grito,
Se falo estranho o som da minha própria voz.

EDMUNDO SCHWAB
(Do Centro Cultural "Euclides da Cunha").

x x x

Misero Inseto

RODRIGO JÚNIOR

Sangrando sob o espículo secreto
Do ciume hostil, que, eterno, me acompanha,
O que dá aos outros a ebriez do afeto
Só é causa, para mim, de pena estranha.

Mas, basta um teu olhar para que a sanha
Do ódio serene e se me acalme o aspecto,
Pois sabes liar a teia — fina aranha —
Em que me prendo como um pobre inseto.

Ah, o rude bicho! Tanto mais se enleia
Quanto mais se debate, a tôda hora,
Preso naquela estúpida cadeia!

Mas, muita vez, na febre que o devora,
Tanto se mexe assim que rompe a teia
E foge, voando, pelo espaço a fora...

(Curitiba)

Notas e Notícias Culturais

"Manual de Conversação da Língua Tupi"

Dentro de poucos dias, estará à venda nas principais cidades do Brasil, o livro "Manual de Conversação da Língua Tupi", da autoria do Dr. Faris Antonio S. Michaele. É um trabalho quase que inteiramente original, pois que apresenta o glorioso idioma das bandeiras sob um prisma realmente novo, adotando método que proporcionará fácil aprendizagem, através de vocabulário atualizado, de acôrdo com a língua, tal qual se fala atualmente, na Amazônia.

Sendo o primeiro livro editado pelo Centro Cultural "Euclides da Cunha", constitúe homenagem à invencível raça cabocla, cujo mavioso idioma predominou, no Brasil, até fins do século XVIII.

"Ensaios de Adubação e Calagem do Trigo em Ponta Grossa, Paraná"

Trata-se de precioso trabalho, apresentado pelos snrs. dr. R. Kalckman e Henrique Pereira ao Primeiro Congresso Sulamericano de Investigadores em Matérias Agronômicas. O Dr. Henrique Pereira, que é Diretor da Estação Experimental de Trigo da cidade de Ponta Grossa e ilustre euclidiano, condensa, no instrutivo volume, experiências de vários anos, estudando o solo, adubagem, condições meteorológicas, etc., tudo por meio de sugestivos quadros técnicos.

Os nossos parabéns ao prezado colega pelo brilho com que se houve em Montevidéo, sede do referido Congresso

Museu dos Campos Gerais

Novas Contribuições Para As Diversas Secções do Mesmo

Durante os últimos meses, o Museu dos Campos Gerais recebeu o seguinte material:

Do snr. Felippe Justus: um animal petrificado, um pedaço de madeira petrificada, um papo de bugiu, um pote de barro (arte indígena), um machado de pedra polida e 260 insetos diferentes; do snr. Frederico Waldemar Lange: um inseto (phibalosoma), várias conchas, um fragmento de tronco petrificado, vários fósseis menores e fragmentos de rocha; do snr. Francisco Blanski: um ovo de avestruz e uma jiquitiranabóia; do snr. Manoel Wambier: um tronco de árvore petrificado; do snr. Dulcídio de Andrade: um porungo vegetal; do snr. Aparício Ribas Maia: uma bola de pedra e dois machados de pedra polida; do snr. João Henrique Domingues: uma ponta de flecha e dois bonus de cidades brasileiras; do snr. Ocyr Woitowicz: um quartzo (pedaço); do snr. dr. Clyceu Carlos de Macedo: um conjunto de ornamentos indígenas guaranís; do snr. Manoel Machuca: um machado de pedra lascada (arte de sambaqui); do snr. sargento Lauro Soares: um conjunto de arco e flecha (arte indígena amazônica); e do snr. João de Oliveira, por intermédio de Joselfredo de Oliveira: um machado de pedra polida (arte guarani).

A todos êsses valorosos patrícios os sinceros agradecimentos da Direção do Museu.

Conferências no Centro Cultural "Euclides da Cunha"

O Centro Cultural "Euclides da Cunha", dando início a seu programa de conferências e palestras para o ano de 1951, fará realizar, no próximo dia 6 de abril, uma sessão, durante a qual deverá discorrer sôbre o importante tema "Guerra Holandesa" o conspícuo associado, Major Murilo Teixeira de Barros, vice-presidente do referido Centro.

O tema, que é dos mais interessantes, porquanto se prende aos primórdios da nacionalidade, irá, por certo, atrair elevado número de intelectuais.

A seguir, nos próximos meses, deverão falar outros euclidianos.

Voz da Poesia

HÉLIO CHAVES (Petrópolis)

Se eu não fôsse poeta,
minha alma não sofreria,
mas que valeria a vida
para mim, sem poesia?

O teu nome encantado
de encantos não me encheria,
cantado em versos sublimes,
pela voz da poesia.

x x x

Espelho

Por VALFRIDO PILOTO

Água selvagem, aonde vais depressa,
a pular pelas pedras, entre os galhos?
Sou profano, perdoa. É da cidade
o vício de auscultar e perquirir.

Vives, porém, inquieta no teu leito,
a sorrir ou chorar, dançando ou grave.
Julgo que um desespêro atroz ou lindas
visões te impelem nesse anseio estranho.

Indiscreto e cismando, eu fico a olhar-te,
e conjeturo sôbre a tua sorte,
que sinto uma agora, e outra logo após.

Mas, já estou, também, a desconfiar
que os teus ais, ou essa alegre corrida,
são é da alma curiosa que te espreita.

(Curitiba)

x x x

Euclides

POR MENOTTI DEL PICCHIA

Herdeiro de Tavares Bastos
E do grande Alberto Tôrres,
Recortando a fisionomia caboela
Do Brasil áspero nas suas verdades raciais
No relêvo heróico dos teus quadros feitos a bico de pena,
Nos violentos sertões
Teus pés pisaram a terra maternal
Viva, física, tangível,
Eriçada tal qual um imenso porco-espinho
De cerdas de mandacarús e unhas de caraguatás.

Com sua fauna de museu
E sua flora de prodígio...
Teu estilo topográfico
Traçou o mapa continental
Onde o grande drama da civilização brasileira
Deflagrou seus conflitos brutais
Entre Calibans da terra morena
E líricos Arieis do litoral
Guerra de caudilhos fanáticos
E ideólogos retardatários
Bebedouros de cultura ocidental.

Amaste a patrícia de Moema
Bela e trágica, hostil e maternal,
Rica e pobre, sadia e doentia,
Magro celta caboclo
Tú amaste tal qual ela é.

Tú foste procurar sua virgindade nas grotas dos sertões
Para possuí-la melhor
Tua máscara angulosa e de bronze
Furaram-na dois olhos febris
Abrangendo na mesma paixão
O jaguaçu semi-tapuio
Agarrado ao seu mosquete e seu ideal
E o rebojo de um rio colossal
Carregando, de noite, em sua torrente, para o mar
Tôdas estrelas do equador!

Teu livro nasceu num rancho como o Brasil
Porque Deus Nosso Senhor
Que havia de dizer a verdade à humanidade
Também nasceu entre as paredes de um curral
Tú foste o Batista anunciador
Dos que vão descobrindo um novo Brasil
Perdido na névoa da ideologia
Soterrado na palha da retórica nacional

Tú foste o precursor
E nós — os que havíamos de vir!

O Pássaro Nômade

(Ao Paraguai) — Por ARARY SOUTO — Do Centro Cultural "Euclides da Cunha")

Contam os velustos no "tatainpú" que sou um guaino velho, enlouquecido de amor e que, porisso, me tornei errante a vagar pelos campos afora. Nasci, não sei onde e quando me tornei adulto compreendi que fui predestinado a viajar, a correr o meu mundo, sem saber onde dormir ou onde morrer: não sei minha idade, não conheço pai, mãe ou irmãos e não tenho companheiros. Vivo sózinho e meu teto é o céu: hoje estou aqui e amanhã a muitas léguas distante. O que mais aprecio no mundo é a natureza, os pagos do meu rapaiao... Nas minhas jornadas prefiro dormir na cabeceira de algum varjão e, à noite, gosto de olhar o piscapisca das estrelas lá no firmamento; gosto de olhar a lua, rolando na imensidão do vácuo, pálida e fria como um sonho errante... gosto de ouvir o curiango alegrando a noite e o urutáu, em contraste, lá ao longe na beira do rio, lamuriando-se da vida, com aquele canto sotonso... gosto do urro do araúcu guará nas noites quentes; gosto da carícia da madrugada, de sentir o seu frescor; de ouvir o cantar do galo anunciando a aproximação do dia; de ver a aurora que precede o nascer do astrorei; de ouvir, na lombada distante, o pialo saudoso da perdiz; de apreciar a florada dos campos na primavera e o vento lamber a campanha em flôr; de terminar o inverno, gosto de ver a queimada ao longe com seu penacho de fumaça; sinto as árvores ficarem nuas no outono e espalharem suas fôlhas resseguidas pelo chão; gosto das chuvas de verão; de escutar o trovão ribombar lá naquele amontoado de nuvens negras, pronunciando tempestade; nas noites escuras, gosto de ver o corisco rasgar o céu. Gosto e aprecio tudo que a natureza me deu para ver e sentir, porque, tudo que tenho de meu é essa dádiva Divina, que me seduz e pela qual me tornei o errante e enlouquecido "guyra-cany"...

O "guyra-cany" é um pássaro semelhante ao nosso "caminheiro", com a diferença de ser muito inquietoso — tal e qual o "uirapurú". Nunca é visto num mesmo local e percorre, com rapidez, léguas e léguas num só dia. Daí, então, nasceu a lenda do "guyra-cany", muito conhecida no Paraguai e norte da Argentina — na região de Corrientes e Missiones. É de super tratar-se, no Brasil, do "Sem-fim", ou do seu semelhante, "caminheiro" ou "Tico-tico do campo".

Jéca-Tatú e Mané Chique-Chique

João de Aratininga

O nome de Monteiro Lobato está, entre nós, intimamente ligado a uma das maiores injustiças jámais perpetradas contra uma estirpe.

Queremos referir-nos à criação do patrício e mesquinho Jeca Tatú, filho dileto da ira incontida de um fazendeiro, ante um pretenso delito, atribuido a uma pobre gente que residia nas proximidades do seu latifúndio, delito que não ia além de uma costumeira queima de campo ou coivara, processo muito em uso, mesmo nos Estados Unidos.

Foi isso o suficiente para que surgisse tôda uma literatura de detracções e nefandas desvalorizações da nossa massa popular sertaneja, esposadas e alentadas, para desgraça nossa, por figuras do prestígio de um Rui Barbosa.

E, então, não houve mal que se não levasse a débito do caboclo da terra que Cabral descobriu. Preguiça, desonestidade, inferioridade, incapacidade geral, estas e outras coisas foram apontadas como oriundas de ser que era diferente dos outros, pois, entre tanta vida e alegria, só êle não vivia e não se alegrava, verdadeira praga de parasitismo e inutilidade em meio a geral hino à Criação.

E o que era característica de caipira paulista, em luta desigual contra desleal e bem amparada imigração "ariana", passou, de momento, a constituir um como sinônimo do caboclo de todos os Estados Brasileiros. Nem mesmo essa especial circunstância foi levada em consideração. Tudo se esquecera: já as titânicas realizações dos bandeirantes mamelucos, já as esplêndidas façanhas nordestinas, no "Inferno Verde".

Foi quando uma voz se fêz ouvir, altíloquente e destemida, para protestar contra a desarrazoada campanha de esnobismo e falso pudor patriótico: a do imortal Ildefonso Albano, com o seu "Mané Chique-Chique" nordestino.

Chique-Chique é um cardo que dá no sertão nordestino. Sôbrio, rijo, tenaz, permanente, nada o sufoca, nada o anicula, nada o faz murchar. Indiferente a clima, tempo, vegetação, agressividade telúrica no lato do sentido, sempre o mesmo se conserva, quando, ao redor, só a morte se faz sentir, soberana.

Assim, também, o caboclo das caatingas nordestinas, luta contra o meio, contra a natureza, contra os homens, nunca se deixando eliminar, e, se alguma vez abandona o terreno da sua gente, não é senão para desbravar outros chãos, onde não pisa nenhum outro pé, nem se mantém nenhuma outra raça, nem mesmo as chamadas superiores.

Esta, a magnífica réplica de Ildefonso Albano, que, infelizmente, não teve, no sul, a repercussão que fôra de desejar, talvez por falta de propaganda e por estarmos sob deletérias influências alienígenas.

Mas, dia virá em que, alfabetizado e sanesado o Brasil, civilizada e aproveitada convenientemente a sua gente, ninguém mais vacilará em pronunciar-se entre os dois juízos, e vitoriosa a insubstituível, para orgulho de todos nós, assomará, ante os surpresos olhos da inconsistente e desfibrada sub-raça do litoral, a titânica e bronzeoacobreada face de MANE-CHIQUE-CHIQUE.

Antonio Felipe Camarão

Pelo Major ANTONIO DE SOUZA JUNIOR

Durante alguns anos, os nossos historiadores discutiram e fizeram especulações acêrca da naturalidade de ANTÔNIO FELIPE CAMARÃO.

Queriam uns que o índio tivesse nascido no Ceará; outros o davam como natural de Pernambuco; muitos elegiam o Rio Grande do Norte como sua terra natal. Num ponto, entretanto, estavam todos de acôrdo: tratava-se de um dos mais legítimos heróis do Brasil.

Realmente, desde que se apresentou a Matias de Albuquerque em 1.630, chefiando um troço de sua tribo, potiguar, até sua morte em 1.648, na estância próxima ao forte dos Afogados, Felipe Camarão foi exemplo de bravura e símbolo de lealdade.

Recebeu e cumpriu as missões mais arrisacadas; armou ciladas e infligiu perdas severas ao inimigo; combateu-o frente a frente, a peito descoberto, e também venceu; e, finalmente, na ocasião em que sofria graves injustiças, revelou tôda a nobreza de seus sentimentos, recusando com altivez as maiores vantagens que lhe foram oferecidas pelos holandeses, para que abandonasse as fileiras dos insurgentes.

Dêle o maior elogio que podemos fazer é repetir o conceito em que o tinham os chefes militares holandeses. A oficiais recentemente chegados da Holanda, que lhe exprobravam a situação deprimente em que se encontravam os soldados de um dos melhores exércitos da época, diante daquelas tropas irregulares, o Coronel Artichôvsky, valente guerreiro e homem de talento e erudição, segundo Netscher, respondia: "aqui, um só índio tem poder para nos fazer retirar muitas vezes".

A Coroa portuguêsa, reconhecendo-lhe a fidelidade e os serviços assinalados, concedeu a Felipe Camarão o título honorífico de Dom e o hábito de Cristo e investiu-o na honrosa e elevada função de Governador e Capitão-Mór dos índios brasileiros.

Esse índio fidalgo, um dos grandes e inolvidáveis heróis da guerra da liberdade, da restauração de Pernambuco e das capitanias do norte do Brasil, no século XVII.

A "Nossa Cidade"...

Crônica de ROLANDO GUZZONI

Mesmo conhecendo o serviço que prestariamos àqueles que conhecem, apenas de nome, a nossa cidade, confessamos francamente o nosso receio de não ser compreendidos por alguns que acreditam no "Tapejara" exclusivamente como divulgador de assuntos literários. Porque, na realidade, o nosso assunto não tem nenhuma base literária, não passando dos fôros de reportagem, mesmo assim alinhavada às pressas. Achamos que devemos dar uma explicação: É que o "Tapejara" não tem circulação apenas nesta cidade e no restante do Brasil. Como órgão oficial do Centro Cultural Euclides da Cunha, que tem o escopo de tornar mais conhecido o nosso país fora dos seus limites geográficos, mesmo pelas limitações do pensamento do "hinterland", difunde um pouco do que é geninamente o nosso nos países europeus e norte-americanos, onde são recebidos exemplares do "Tapejara" por centros de cultura e intelectuais, é justo que falemos desta cidade, débito pedaço do Brasil que procura, ainda que obscuramente, sem grandes fôrças, esclarecer que não somos apenas um país de mestiços e de carnaval o ano inteiro.

Falar da "nossa cidade" sem a paixão que temos por ela, sem nos despir do convencionalismo de tecer elogios, consequência lógica do vínculo afetivo que nos liga a êste rincão brasileiro, é uma tarefa árdua, confessamos, mas que tenteremos levar a cabo, certos de que haverá alguém que nos releve.

Mesmo dentro dos limites do país, Ponta Grossa, a "nossa cidade", é bastante conhecida como centro produtor de madeira de primeira grandeza e também por ser um dos mais importantes entroncamentos ferroviário e rodoviário nacionais. Fica ela na região sul do Brasil, no Estado do Paraná, a 970 metros do nível do mar, o que favorece extremamente o clima, geralmente temperado. A sua origem remonta de pouco mais de cem anos atrás, quando havia ligação entre cidades vizinhas, como Palmeira e Castro, que se fazia em lombo de cavalos. Entre essas duas tradicionais cidades, alguns estabelecimentos além do rio Pitanguí que serpenteia nas proximidades da "nossa cidade", havia um aprazível capão onde os homens exaustos, queimados do sól, faziam pouso e descançavam da longa cavalgada conduzindo tropas de animais ou mantimentos. O capão em questão tinha o nome de Ponta Grossa. O lugar era, efetivamente, magnífico e o verde de seus campos que se perdia de vista, enfeitiçava os viandantes. Era parada obrigatória dos homens esfalfados de cavalgar no lombo das mulas o dia inteiro. Quando os tropeiros de tôda volviam tudo e havia silêncio nas matas, fazia-se o bivaque, e, ao pé do fogo, conversava-se longamente, até que o sono dominasse aqueles corpos extenuados. O sargento-mór Domingos Carvalhaes e outros amigos seguidamente faziam acampamento no capão, com sua caravana e nenhum deles escondia a atração que sentiam pela beleza das campinas, pela limpidez do céu nas noites enluaradas. E dêsse convívio intermitente com o capão, do fascínio que exercia sôbre êles, nasceu então a idéia de desbravarem a região e ali fundar uma povoação. Tudo planificado, entraram, em seguida, para o terreno da concretização. A primeira construção seria, como é natural, da igreja, em tôrno da qual, em seguida, seriam erguidas casas de madeira. Surgiu o primeiro entrave. Onde seria erguida a igreja? As idéias choveram, sem que no entanto uma vingasse. Após muita controvérsia, muita discussão, um dos desbravadores, dominado por forte espírito romântico, alvitrou que se soltasse uma pomba. Onde ela pousasse, lá seria levantada a igreja de madeira. A sugestão, um tanto estranha, algo esquisita, foi, contudo, aceita com manifestações de satisfação pelos fundadores e a pomba, sôlta, ganhou os ares e rumou para a colina nas proximidades do capão Ponta Grossa, indo pousar numa palmeira que dominava a parte mais alta da elevação. Semanas mais tarde, construida toscamente de tábuas, era erguida a igreja, que posteriormente foi desmanchada para dar lugar à atual Matriz.

A igrejinha de madeira caiada, tosca, simples, foi a primeira construção feita na região do capão e representa um marco do espírito religioso da nossa gente. Isso aconteceu há exatamente 127 anos. Nesse século e um quarto, tem a "nossa cidade" passado por sensíveis modificações. Hoje é uma cidade importante, respeitada na proporções de cidade do Interior brasileiro. Dos cincoenta e poucos mil habitantes, assinalados pelo último censo demográfico, cerca de 90% vive e luta em "nossa cidade". De vinte anos para cá, depois da revolução de 30, progrediu bastante e deixou de ter aquela feição que caracteriza as grandes provincianas. E um importante centro de comunicação do país e, conquanto lentamente, está se tornando um centro industrial. Isso porque os capitalistas da cidade ainda têm mentalidade provinciana e acham perigoso investir capitais em indústrias. Os bairros estão se estendendo de maneira nunca vista, de tal maneira que nós mesmos, naturais da região, sentimos a diferença. A paisagem urbana, vista dum avião, é admirável pela simetria. Ruas longas cortam a cidade em tôdas as direções. E pena que muitas delas sejam estreitas. Contudo são limpas e claras. Há belas praças, notadamente a afetuosamente chamada de "pracinha", e no obelisco da praça da Matriz, local onde foi fundada a cidade, existe uma placa com apologia ao prefeito que reconstruiu o logradouro, mas nada consta de Carvalhaes e outros que erigiram a cidade.

Na paisagem humana da "nossa cidade" temos três raças que, produzidas pela imigração, aqui se radicaram definitivamente: a italiana, a alemã e a polonesa. A colônia russa é também bastante numerosa. Temos ginásios, colégios, uma escola superior, tudo, enfim, que uma cidade média deve ter.

A "nossa cidade" tem feição moderna, algumas avenidas arborizadas e poucos prédios antigos, que, aos poucos, vão desaparecendo.

Acredito que a "nossa cidade" tenha algum defeito. Todas dás têm. Mas não seremos nós quem o apontaremos. Temos muito amor por ela, para falar-lhe mal. Assim como existem muitos que aqui nasceram, se criaram e procuram, a todo custo, ir-se embora, atraidos como mariposas pelas luzes enganadoras das cidades grandes, outros, como nós, à medida que o tempo passa, sentimos que o nosso afeto por ela vai criando raizes mais sólidas e já não é mais aquele entusiasmo apenas da mocidade. É um amor profundo e concentrado que jámais arrefecerá.

As Moedas de Cornélio Agripa

SILVINO SANDERS

Quando qualquer pena investe contra o que entre o povo já adquiriu fóros de tabú, encontra, de pronto, em riste, o rebate, o rebate das lanças dos belequins profissionais da imprensa, as diatribes do púlpito e até o ganido da malta proterva, rosnando, furibunda, injúrias e ameaças e falando em alta traição sem ao menos atinar em que e como empregar o impróprio. O tribunal popular tem o condão de se reunir a tôda hora e em qualquer logar quando tem que julgar e condenar um "cristo" sôbre quem êste ou aquele demagogo proferiu, sob o rótulo de "simples opinião", a sentença condenatória.

Tôda época tem o seu espantalho.

Em Portugal, nos tempos de D. João III era sumamente perigoso deixar transparecer a mais leve simpatia por um cristão-novo.

Nos dias que correm um crítico de arte norte-americano foi ameaçado de agressão por Mr. Truman porque emitiu uma opinião desfavorável sôbre o trabalho da filha de um dos amigos do Presidente.

Mais recentemente, assistimos ao rumoroso caso do petróleo; taxavam de extremista qualquer espírito mais avisado e que alteava sua voz no sentido de alertar o Govêrno contra as solertes maquinações dos discolos estrangeiros em suas insidiosas e sistemáticas investidas contra o patrimônio nacional. Haja vista sôbre Monteiro Lobato, para trazer à baila o mais inequívoco testemunho; suas obras foram para o Índex e seu nome soezmente enxovalhado.

Sem dúvida, o que assistimos presentemente — e de braços cruzados — é a narcotização dos altos impulsos patrióticos que sempre abundaram em nossa contextura moral; é a desnacionalização da consciência popular, levada a efeito por um capcioso processo de garrotamento da alma nativista. Para atingir seu ominoso propósito — e com que descalabro o fazem! — lançam mão dos mais jesuíticos expedientes. Ora a lisonja, galardoando, com medalha de Agripa, as mais altivolas inteligências, nem sempre sinceras, com raríssimas exceções.

A propósito, estive hoje observando, num serviço de terraplanagem, que é uso afiverlarem-se antolhos à cara dos animais de tração a fim de que não vejam senão a picada que terão de trilhar. Bem! Mas isto não vem ao caso, como, também, aquela história do fazendeiro que aparelhou tôdas as cabeças de seu rebanho, numa época de sêca, de óculos verdes, a fim de que vissem tudo verde!...

Aqui a coisa começa cedo.

Ora, com a inoculação, no espírito da criança, das leituras deletérias dos X-9, Gibis e Cia. Ltda., eufemismo de servilidade, melhor colheita não haverá para o futuro.

Foi assim que a França caiu. Bloqueada intestinamente pelo trabalho solapador dos agentes nazistas, teve tôda sua vida nacional controlada, secretamente, por um sistema de descaracterização que culminou com a ocupação militar. E a história registrou, em seus anais, a repetição do trânse doloroso de Sedan, que tantos vexames e tantos sacrifícios custou à grande pátria de Voltaire e de Chateaubriand. Preparou-se cuidadosamente a opinião pública ingerindo-se-lhe nas artes, na literatura, na moda e até na culinária. E a capitulação ignominosa, se não encontrou o pleno apôio da opinião pública industriada, também não lhe sentiu resistência. O exemplo ficou. Mas o homem sce esquecia de que os métodos empregados pela Alemanha de Hitler se não enterraram com seu sonho sob os escombros da Berlim devastada. Haverá sempre um cavalo de Troia e, com mais razões, uma Tróia. Lembram-se de guardar os muros contra as catapultas de Menelau e se esquecem da espionagem camuflada instigando a revolta e instilando a peçonha da perfídia e da chicana no coração da própria resistência.

No Brasil, tem sido de tal modo industriado o espírito das massas, que os artigos de produção nacional são até motivo de chacota. Porque já se criaram condições favoráveis à planta exótica do "tipo americano". Só os ignorantes e fanáticos deixam de reconhecer-nisso um plano caviloso de arrebatamento, tão velho que Tamerlão já o empregava contra os povos que pretendia conquistar. Na possibilidade de uma invasão pelas armas, ninguém duvidará do pronto rebate das Fôrças Armadas, fieis ao seu papel. Mas ninguém sabe como se portará a opinião pública prostituida à demagogia premeditada.

Andam por aí sanhudos e desenganados barregões da caterva plutocrática, apregoando os louvores do Senhorio a quem venderam "as luzes do talento e as fôrças do braço" e traficando com as mais nobres conquistas da alma que neste lado da América se formou na forja da mais cruenta liça. É preciso estar alerta contra êles. E, sobretudo, desmascará-los em tempo a fim de evitar com o beijo de Judas não entreguem êsses 8.500.000 km2 de chão nas mãos de alienígenas pouco escrupulosos.

Os país podiam secundar-nos nessa obra de saneamento da mente infantil, alijando de seu "menú" literário os pratos indigestos como o Gibi, X-9, etc., e varrendo de sua lembrança os personagens de importação, tais como o capitão Atlas, Tarzan, Roy Rogers e outros. Há, de logar em logar, um grande vulto caboclo, herdeiro das magníficas virtudes morais que sublimaram em nosso povo nos lances mais admiráveis de nossa história-pátria.

É MANÉ XIQUE-XIQUE!

Criação do saudoso Ildefonso Albano, ex-presidente do grande Estado do Ceará, uma das unidades da Federação onde mais intacto se tem conservado o sentimento nacional.

O Jeca Tatú, personagem mais rabelaisiano, indolente e vencido com que Monteiro Lobato se procurou vingar dos colonos que lhe atearam fogo nos pastos, é outra figura sôbre a qual pesa, agora, a sentença de nosso sereno e severo julgamento. É antes um ultraje aos nossos brios de povo laborioso, cujos sentimentos não podem afinar pelos daquele rastaquera que adquiriu calçados até para galináceos...

Mané Xique-Xique não! Este simboliza o caboclo heróico que venceu a Amazônia e coadjuvou na colonização do Acre, lutando sempre contra a natureza e os maus governos. É, em pleno século XX, o herdeiro direto do mameluco bandeirante que deu novos brasis ao Brasil.

É êste, pois, e não aquele, o espelho em que se deva inspirar a fibra ainda maleável do adolescente, argila em que se moldarão os grandes caracteres de amanhã.

E nem o nosso protesto obedece a outro imperativo, que não o do restabelecimento das mais caras tradições indígenas, que fôra crime imperdoável deixar perecer.

Mas, a dedicação às coisas pátrias, pelo menos em reduzida minoria, não sofre contestação.

E é grande o seu poder!

Assimilação

(Ineficácia das tentativas para forçá-la)

DONALD PIERSON (São Paulo)

É fato sociológico fundamental que as tentativas para forçar a assimilação geralmente são infrutíferas.

Na realidade, os esforços no sentido de impor a um povo, a contragôsto, novos padrões de comportamento, novas orientações de vida, podem falhar completamente, uma vez que a consequência normal de tais esforços é fazer voltar-se para suas antigas formas culturais, a lealdade do povo que estiver sendo forçado.

Este fato se verifica porque as tentativas para forçar um povo a adotar crenças e práticas que lhe são estranhas, **chamam atenção para as diferenças** e portanto avivam a autoconsciência dos membros do grupo estranho e tendem a unificá-los em tôrno de suas próprias formas culturais.

Exemplo revelador dêste fato é a tentativa de Bismark, de "prussianizar" os camponeses cujas terras tinham sido incluidas nos limites do Estado prussiano. Durante o período em que os prussianos não agiram intencionalmente para assimilar os poloneses, esta assimilação ia-se efetuando espontâneamente. Mais tarde, porém, em seguida à sua vitória na guerra franco-prussiana, Bismark decretou numerosas leis que impunham aos camponeses poloneses a cultura alemã. Por exemplo, daí em diante só se ministraria nas escolas polonesas ensino em língua alemã. A língua polonesa seria suprimida.

A consequência destas medidas foi justamente o oposto do que se desejava. Os camponeses tornaram-se então conscientes do fato de serem **poloneses**. Antes consideravam-se "camponeses", gente pobre, que trabalhava duramente, sem pensar que eram "poloneses". Logo se ergueu vigorosa oposição; greves varreram as escolas. Bismark foi de encontro a êstes movimentos, impondo medidas ainda mais repressivas. Mas o resultado final da sua política foi desenvolver nos camponeses da Polônia **um sentimento de nacionalismo** polonês e intensificar enormemente a lealdade aos antigos valores culturais.

Em contraste com esta situação, nos Estados Unidos os imigrantes têm sido deixados em grande parte à vontade, salvo certos movimentos esporádicos. Os norte-americanos nativos adotaram em relação à velha cultura dêsses imigrantes uma atitude apenas depreciativa e ridicularizante, sem de qualquer modo procurar impor sua abolição. O resultado, como inevitàvelmente acontece em tais casos, foi que os estrangeiros, e especialmente seus filhos e netos nascidos nos Estados Unidos, vieram afinal a adotar, em relação à sua própria cultura, a atitude dos norte-americanos. Não se viram colocados em posição de sentir que sua cultura estivesse sendo atacada. Não sentiram, assim, necessidade de defendê-la. Ao mesmo tempo, gradativamente, vieram a adotar as atitudes existentes ao seu redor — as atitudes de desprêzo dos norte-americanos com quem estavam associados e, consequentemente, a sentir que sua própria cultura era, talvez, inferior. Esta circunstância verificou-se especialmente em relação aos filhos e netos de imigrantes; por outras palavras, em relação aos "imigrantes de segunda e terceira geração". E na medida em que vieram a sentir que sua cultura originária era inferior, procuraram descartar-se dela.

Assim, o problema da assimilação nos Estados Unidos não está no fato de êle ocorrer devagar demais, mas no de estar ocorrendo rápida demais. Desde que os controles da cultura anterior e da família imigrante se estão anulando e os controles da nova sociedade ainda não se desenvolveram, surgiram graves problemas, como os da delinquência juvenil, do crime e da desorganização da família. A escola, em sua tentativa de americanizar o filho do imigrante europeu, tende a aliená-lo de sua família. Assim, não foi emancipado da anterior cultura, mas apenas isolado dela, e isto, antes de incorporar-se completamente à nova cultura.

Qualquer sistema dirigido de assimilação implica medidas diferentes da única que até agora sabemos ser eficiente, isto é, o processo inconsciente de adquirir atitudes e sentimentos através de contatos pessoais. Êste processo é essencialmente educativo e principalmente de uma educação de caráter mais **informal** que formal; sua máxima possibilidade de sucesso está em enxertar nas atitudes e valores dos imigrantes, vindos do Velho Mundo, as atitudes e valores americanos. Sua possibilidade mínima está em tentar destruir as antigas atitudes e valores, impondo outros. O mais viável é fundir os dois sistemas de valores, combinando-os num só.

CICLOTIMISMO DO SERTANEJO (Etnogenia das Caatingas)

Por DJACIR MENEZES (Rio de Janeiro)

Na etnogenia das caatingas, a maior contribuição foi inegàvelmente a indígena. Dos dois grandes grupos, tupís pelo litoral e adjacências, e tapuias, pelo sul do Ceará, foi êste último que maior contingente trouxe ao nosso **melting-pot**.

Nos cruzamentos que se seguiram entre os mestiços, o elemento afro, que afluira em pequenas porções, em determinados momentos de nossa existência colonial e durante os períodos seguintes, não encontrou as condições do patriarcalismo rural, onde a luxúria do senhor de engenho se escapava para a senzala. As fazendas daqui foram centros de caldeamento, é certo. A área das caatingas foi teatro da elaboração miscigênea, onde predominou a percentagem aborígene. Os aldeamentos indígenas, por outro lado, arraiando-se aqui, além, nos pontos menos penetrados, ou, depois, missionados pelos jesuitas, foram outros tantos centros mais resistentes à assimilação e cruzamento, mas lentamente fusionados no **inbreeding** das populações rurais.

Apesar da inferioridade de cultura (neolítico), em face da raça branca, mantiveram, pelo número, o tom dominante da massa rural no ponto de vista etnológico. Com sua lenta dissolução, agregaram-se às fazendas de gado, nuclearam-se em tôrno aos centros produtores, abrigaram-se à sombra dos proprietários que pontilhavam já as regiões aproveitadas.

Dessa trama vão surgindo lentamente, cada vez mais fortes, através das rudes e toscas cartas régias, sesmarias, etc., os lineamentos jurídicos transplantados da metrópole, para garantir a formação do país nos moldes estruturais que acabavam de se integrar no velho mundo.

Psicològicamente, o homem do nordeste manifesta tendência ciclotímica, dada a predominância dos caracteres pequíneos do tipo, na opinião de Pompeu Sobrinho. Nesse faloderm do aborígene, que dá certa homogeneidade étnica à massa social pela alta percentagem que se encontra no material humano do ecúmeno cearense, verificou-se um a grande plasticidade.

Essa extraordinária capacidade de adaptação garantirá a vitória na luta contra outros meios diversíssimos, como vai suceder na exploração amazônica, quando modifica tudo: regime alimentar, condições climicas, sistema de trabalho, relações sociais. Tipos de grande resistência física e moral. Si, como diz Jennings no seu livro admirável, a "**race**" **in man is merely a group of individuals having many genes in common or much alike** (The Biological Basis of Human Nature, p. 279), as combinações gênotípicas que se realizam no nordeste mostram o "híbrido vigoroso" aludido pelo sábio inglês.

A prova da resistência física e energia moral do sertanejo é incontesta. São causas de ordem política e social que mantêm o nordeste em situação inferior, enquanto seus malsinadores apressam-se em disfarçar as causas verdadeiras. Cumpre ao Govêrno Central agir no sentido dessa valorização. Foi exatamente o que acentuou Monte Arrais no seu livro "**Terra Redimida**", demonstrando que o govêrno federal, em 1934, tornára dever constitucional e não mera solicitação política a assistência às zonas flagceladas e aos grupos humanos alí fixados.

Mas é no próprio meio social, onde se desenvolvem as fôrças de produção e as relações que se formaram, dependentes, primeiramente do ambiente físico, que se pode encontrar explicação para os fatos e episódios dominantes de nossa história.

EUCLIDES DA CUNHA

DR. ESTEVÃO ZEVE COIMBRA — (Do Centro Cultural "Euclides da Cunha" e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa —

Continua a marchar Euclides da Cunha na vanguarda da geração a que não pertenceu.

Não compreendem isto aqueles que lhe desconhecem a produção literária.

Não atinam com o porque dêste fenômeno, os de pouca cultura, de cultura epidérmica que, por isto, se detêm ante a terminologia científica euclidiana, que são incapazes de atender, assimilar tudo quando traçou o brilhante e extraordinário gênio em "Os Sertões". A Margem da História, em Confrontos e Contrastes e demais obras.

A geração nova, entretanto, procura entender a Euclides, esforça-se por compreendê-lo, imitar-lhe o estilo, vota-lhe grande culto porquanto foi êle todo inteligência, foi todo brio e patriotismo, foi todo elevação moral, tornando-se em tôda a extensão da frase um dos valores espirituais do Brasil. Vai a mocidade hodierna, copiando-lhe as sugestões e diretrizes, imbuidas das idéias havidas em "Os Sertões", banindo o artificialismo político, econômico e literário sôbre que sempre se fundamentaram nossas instituições.

Foi de brio, de elevação moral a vida de Euclides; uma lição viva, um exemplo edificante, também o foi, em tôdas as suas fases, teve sempre uma grande coerência a sua vida. Republicano, antes do advento da República, não deixou de ser libertador; sempre demonstrou ser nacionalista, servindo a ditadura de Marechal Floriano, mas não lhe aderindo.

Quando cadete, negaram-se a formar para a revista dum ministro do Império; ao revoltar-se a armada, contrapôs restrições ao fuzilamento de indefesos prisioneiros; reformado que foi como tenente do exército, ei-lo na Troia Sertaneja, ei-lo em Canudos para dar um testemunho à história do que viu de bárbaro, selvagem e criminoso, ao serem truncidados, exterminados em defesa das instituições republicanas, os jagunços, os caboclos fanatizados de Antônio Conselheiro.

Descreveu Euclides **in loco e de-visu** a injusta e horrível hecatombe de sertanejos, qualificados por êle mesmo de rocha viva da nacionalidade. Esta gente agrilhoada pela fome, a definhar fisicamente, escravizada e submetida cègamente; a miséria dum povo ignaro e valente; a realidade dolorosa em que vegetava a massa sertaneja, tudo isto o embateu, o chocou, deu-lhe inspiração, fêz com que êle se embrenhasse no sertão e no sub-solo social brasileiro e, de lá, tirasse o assunto para sua máxima obra e elaborasse "Os Sertões". Como foi elaborada esta magna obra? Com indignação, com vibração patriótica, com vigor jâmais visto, como que com azorrague a tinir é que êle a escreveu; fê-lo para castigar a inverdade, para desafiar o vício, para quebrantar os preconceitos e alertar as consciências.

Houve quem, influenciado pelos padrões gauleses, lhe increpasse o estilo, as obras literárias, asseverando havê-las escrito com gravetos e cipó, fizeram-no literatos duma época em que era praxe o escrever-se com água de flor, com estilo escorregadio que nem lesma.

Tem fundamento esta aleivosa increpação? Procede semelhante assertivo? A refutação impõe-se e basta que inspiremos aqui um trecho só, magistralmente traçado pelo autor, referente ao jagunço pelas fôrças legalistas aprisionado: "Forte, de estatura meã e entroncada, especimen sem falha desses hércules das feiras sertanejas, de ossatura de ferro articulado em juntas nodosas, era, tudo o revelava, um lutador de primeira linha, talvez um dos guerrilheiros que se dependuravam ágeis nos dentilhões abalados da igreja nova. Primitivamente branco, requeimara-se-lhe inteiramente o rosto. Pendia-lhe à cintura, oscilante, batendo abaixo do joelho, a banina vazia. Fora preso em plena refrega. Conseguira derribar, num arremesso valente, três ou quatro praças, e tombara sem que não caísse, tonto, ferido por uma bala na órbita esquerda."

Aí está, senhores literatos, apenas uma amostra do feitio e estilo euclidianos.

Intelectual progressista, estilista vigoroso, defensor impertérrito dos sertanejos patrícios, Euclides foi, inclusão em sua época, por estas e outras razões êle a transcende.

Quem mais se bateu, no campo político-administrativo, em prol da moralidade dos nossos costumes? Fê-lo Euclides, se bem que chocando-se com os homens de seu tempo.

Quão valiosa é a contribuição científica de suas obras para a solução dos nossos problemas sociais! Foi o primeiro grande ensaista da sociologia regional brasileira. E não é êle daqueles que baralham as causas dos fenômenos sociais brasileiros, mas concorreu grandemente para nossa inteligência como um criador inegualável, sem fazer o sociologismo de Gilberto Freyre, sem a maneira doutrinária de Alberto Torres.

E no que concerne à história? Bem compreendeu Euclides os novos métodos de sua interpretação, chegou em virtude disso a emparelhar-se com Capistrano de Abreu, quer na ordem cronológica, quer na ordem da inteligência.

Pouco confiou no material gasto, impróprio, exaurido de seu tempo; por isso volveu-se para a geração nova e nela depositou tôda confiança. Por êste motivo a geração nova não tem para com Euclides da Cunha uma dívida de gratidão vulgar como certas gerações menos cultas ficam a dever aos que lhe abriram caminho.

Suas sugestões, suas diretrizes, seus exemplos, seus apelos são dum genuino condutor, dum Tapejara que falasse a uma geração sem peias: "O futuro dirá quem melhor cumpriu o seu dever".

Carta a um filósofo

Por OSWAL DO NASCIMENTO —

... e aqui vai, meu caro amigo, depois que você me falou de sua nova doutrina, um reparo interessante. A terceira mensagem é aquela que você diz ter encontrado no íntimo de si mesmo. A lei de repercussão dos atos existe, segundo sua afirmação. Mas isso não é tão novo assim. É velho como o decrépito papai de que se derivou a Humanidade. Papai Adão, muito antes de nossas atuais gerações, já sofreu a consequência dos seus próprios desleixos. Incorreu no pecado. Ouviu a voz fortemente melodiosa de sua querida Eva, comendo a maçã proibida e sendo, por isso mesmo, expulso do Paraíso. Que Deus intolerante — você não acha? — aquele que criou Papai Adão! Pena é que, naquele tempo, ainda não se conhecia a doutrina do Energismo! A única fôrça do Homem estava nos músculos. E os músculos, se eram impotentes para reconquistar a graça perdida, não o eram, no entanto, para a luta pelo pão-de-cada-dia!

A repercussão dos atos explica-se até mesmo na própria Física. Apenas, em Física, observamos fenômenos em vez de atos. Se os elementos utilizados pela ciência fôssem matéria pensante, aplicar-se-ia a êles a mesma designação. Há, entretanto, um notável paralelo entre os fenômenos físicos e os atos humanos. O primeiro é apenas uma vibração das cordas vocais, que se transforma em som e repercute ao longe, produzindo o eco. O grito é, mais do que isto, pura manifestação psicológica transformada em efeito físico. Outro exemplo, ainda, poderemos citar: Se atirarmos uma pedra num muro, ela não ficará agarrada ao mesmo, nem cairá exatamente em sua base, porquanto há uma lei física atuando sôbre êsse corpo, no momento do choque e fazendo com que o mesmo retorne, embora com violência atenuada, na direção de onde partiu. A gravidade, no entanto, atrai-lo-á para o chão. É uma terceira fôrça operando, que conjuntamente reduzindo o alcance da segunda, não impede a refração, embora de pequeno alcance, de um ato cometido.

Convenhamos que estou sendo um tanto vago, neste exemplo. Você me entenderá, todavia. E eu estarei, sem dúvida, de acôrdo em que seja o Energismo a única fôrça capaz de elevar o Homem, individualmente, à superação de suas próprias tendências naturais, fazendo-o dominar-se e atuar sôbre a própria vontade e deliberações alheias.

Um ponto, no entanto, você não tocou. E que o homem, livre dos seus próprios complexos, bem como liberto dos seus próprios egoismos, transcende para uma condição universal, em que melhor se integra de sua verdadeira fundição de Humanidade. Neste ponto, o Energismo não poderá prescindir de uma terceira fôrça, muito semelhante à da gravidade que atrái todos os corpos para o centro da terra. Está é, no entanto, uma terceira fôrça moral, que atrái o indivíduo para a comunidade, em que se centraliza a atuação da Justiça e da Ordem, que se estabilizam pela fôrça centrípeta da Lei.

Esta terceira fôrça é o "Sinergismo" da Vontade e da Ação. O "Sinergismo", complemento indispensável do "Energismo", deriva do princípio de colaboração. É o processo associativo das fôrças que atuam sôbre o destino da Sociedade. O auxílio mútuo, a ação recíproca, sòmente podem construir, no conjunto social.

xxx

Em suma, meu amigo: Energismo é sinônimo de individualismo, capaz de levar apenas um homem ao destino glorioso que pretende, enquanto milhares de milhões esperam, já desesperados, a consecução de um mundo de Harmonia e Paz.

Os Russo Alemães

LAURO JUSTUS

O Paraná recebeu em fins do século passado uma grande imigração de colonos russo-alemães, cujos descendentes aí estão, plenamente integrados na comunidade em que vivem. Êste povo tem a sua história e, em muitas lutas, combateu desde o dia em que deixou as suas terras de origem; é desta história e destas lutas que vamos dar uma breve resenha e sucinta descrição.

Em fins do século dezoito, era imperatriz da Rússia a Tzarina Catarina II, mais conhecida como Catarina, a Grande, filha de príncipes alemães, e nascida em Stettin na Saxônia. Naquelas longinquas eras, as terras que bordejavam o rio Volga, além da desolação panorâmica das estepes, exibiam ainda confrangedora nudez demográfica: eram quase desertas, entregues à sanha de tribus selvagens, como as dos Kirkises, Kalmucos e Tártaros, e às incursões de ursos ferozes e de alcatéas de lobos.

Logo no ano seguinte ao da sua ascenção ao trono, em 1763, Catarina II empreendeu colonizar essas regiões inaproveitadas e com êsse propósito promulgou um manifesto, abrindo à imigração as fronteiras da Rússia; nêsse documento era garantida a autonomia administrativa para as colônias a serem criadas, liberdade de lingua, crença, ensino e isenção de serviço militar para os imigrantes e seus descendentes. Tais privilégios foram concedidos "por tôda a eternidade".

Nessa época, chegava a seu têrmo, na Alemanha, a Guerra dos 7 Anos, cujas consequências se abatiam, inexorável, sôbre as empobrecidas populações; para estas foi com um toque de esperança que soou a nova do manifesto imperial, e, no decorrer dos anos de 1764 a 1767, cêrca de 20.000 alemães deixavam definitivamente os seus lares em busca de uma nova pátria e novas oportunidades de vida e trabalho. Os colonos foram localizados nas terras marginais do Volga, nas vizinhanças da cidade de Saratow.

As recém-criadas colônias de alemães eram autônomas e gozavam de tôdas as liberdades concedidas pelo manifesto tzarista, e que constituia uma extranha exceção no seio do escravizado império moscovita. Os membros de cada colônia eram geralmente de uma mesma confissão religiosa (luteranos, católicos, reformistas ou menonitas), providência essa que prevenia possíveis rixas de caráter doutrinário. A terra pertencia à comunidade e, cada 10 a 12 anos, era novamente medida e redistribuida entre todos os membros adultos de cada colônia; sòmente a casa, o pomar e o jardim eram de propriedade familiar. Esse era o chamado "Mirsystem", e através dêle iam sendo recuperadas as terras dos camponeses falecidos e sendo aquinhoados os moços que tivessem atingido a maioridade.

Os colonos alemães dedicavam-se particularmente à cultura do trigo e do tabaco. Nos primórdios de seu estabelecimento em solo estrangeiro tiveram que sustentar pesadas lutas contra as tribus asiáticas das estepes, as quais assaltavam a região em saques e matanças contínuas; durante os anos de 1771 a 1780 foram levados como escravos, pelos selvagens Kirkises, um total de 1.250 colonos.

As cláusulas do manifesto de Catarina a Grande foram sendo progressivamente violadas pelos governos posteriores até que, em 1874, sob o Tzar Alexandre II, foi revogado o item referente à isenção do serviço militar; esta medida gerou um incontido descontentamento, pois culturalmente os colonos eram e se sentiam alemães e não aceitaram sem relutância essa nova imposição.

Iniciou-se, nessa época, como consequência da insatisfação reinante, o movimento de imigração, para os países américanos, dos colonos descontentes, que se dirigiram, em grande número, para os Estados Unidos (Dakota e Califórnia), Canadá, Argentina e Brasil (Estado do Paraná). Em 1877, há portanto 74 anos, desembarcava no pôrto de Paranaguá a primeira leva de imigrantes russo-alemães, cujo número foi sendo incessantemente reforçado pela chegada de novos contingentes; êsse fluxo imigratório prosseguiu até ao ano de 1879.

Volvamos os olhos para as colônias germânicas do Volga e acompanhemos o seu desenvolvimento, desde os primeiros tempos da imigração. Conforme já foi dito, 20.000 alemães fixaram-se na Rússia tzarista, e as suas comunidades desenvolveram-se de tal modo que, 150 anos mais tarde, em 1914, elas já representavam uma população de 724.000 almas, distribuidas em 204 aldeias e possuidora de 87.000 propriedades agrícolas. Não está computada nesse total a população de sangue teutônico residente nas cidades vizinhas, ao longo do rio Volga, das quais só em Saratow residiam 20.000. Com a revolução comunista de 1917 essas colônias passaram a constituir a República Socialista dos Alemães do Volga, gozando autonomia administrativa e mantendo a sua lingua de origem, o idioma alemão, e suas tradições culturais; sua capital é a cidade de Potrowsk, na margem oriental do grande rio.

Sôbre a influência que os membros dessa comunidade de sangue e lingua germânica, integrada na União das Repúblicas Soviéticas, vêm exercendo, citemos as palavras do sociólogo americano Walter B. Pitkin, insertas em seu livro "A Short Introduction to the History of Human Stupidity":

"Todo grupo racial tem a sua cultura e as suas tradições próprias, naturalmente. Sabeis que, por todo um século, um dos mais puros distritos alemães no mundo esteve localizado ao longo do Volga? Catarina, a Grande, trouxe milhares de vigorosos camponeses luteranos, com fins do século dezoito, cujos descendentes ainda ali estão. Ninguém sabe quantos milhões de pessoas de origem alemã vivem na Rússia, mas podemos estar certos de que a maioria dos negócios e da indústria do país está nas suas mãos. E devemos estar precavidos contra a inclusão das suas realizações entre os atos dos russos. Foram os alemães que, pela primeira vez, combateram e venceram os gafanhotos, que eram uma praga na Rússia; foram os alemães que deram fim às cobras que infestavam a Rússia Central, de maneira horrível; foram os alemães que, pela primeira vez, socorreram as vítimas da fome e tomaram precauções afim de proteger os nativos contra novas fomes".

Indoamérica

Por Gilberto Freyre

A raiz amerínd̂ia da vida, do caráter, da cultura do americano não é tudo, por certo, como condição de americanidade. Esta pode existir como fenômeno psicológico-social — para não falar no fenômeno político — quase independente daquela, como no Uruguai. Ou como no Haiti. Mas uma afirmativa pode ser feita: que a raiz amerínd̂ia mais profunda da vida, de cultura, de caráter, dá aos povos da América mais enriquecidos pela assimilação de valores indígenas maior autenticidade à sua condição de americanos; melhor integração na natureza americana. Ecologicamente são mais americanos do que os outros: aqueles cuja civilização européia repousa sôbre o extermínio, a negação ou desmoralização de valores indígenas. Daí o bandeirismo, a tradição bandeirante — da qual o sr. Cassiano Ricardo, em ensaio recente destaca aspectos esquecidos de considerável importância — ter para o Brasil uma significação nacional, isto é, total, e não apenas regional, um significado vivo e não apenas histórico. Daí, também, o significado vivo para o Brasil da cultura regional amazônica que está sendo estudada em alguns dos seus aspectos mais expressivos pelo sr. Gastão Cruls.

A contemporização do português com os valores indígenas e com os dos africanos já familiarizados com os trópicos é que tornou possível o fato de levantar-se hoje no Brasil a maior civilização moderna e, socialmente, a mais democrática nos trópicos. Civilização que é um dos exemplos mais fortes que a América pode apresentar de uma cultura em que valores de várias procedências se combinam e se afirmam numa nova expressão caracteristicamente americana e socialmente democrática e num vasto esfôrço, a princípio empírico, hoje científico, de harmonização do europeu com a natureza tropical e semitropical e com o amerínd̂io e o africano, e de assimilação, pelo americano do Brasil, mesmo quando puramente nórdica sua procedência, de valores e processos desenvolvidos pelos nativos dos trópicos.

Aceito o fato, que é nítido e evidente, de ser o ELEMENTO INDÍGENA — bem aproveitado ou não pelo colonizador europeu, às vezes quase exterminado por êle e reduzido a estilhaços — o elemento mais largamente generalizado como lastro social ou de cultura de uma comunidade americana em que as fronteiras nacionais perdem suas côres mais vivas para empalidecerem em traços de caracterização apenas regional de zonas de maior ou menor influência européia ou africana sôbre a base comum indígena; aceito fato tão significativo, quando sociológicamente fixado, para o futuro das relações interamericanas, que sua consagração pela política e pelo direito tornará as guerras do passado, entre povos americanos, simples lutas ou guerras civis, impõe-se também outra realidade importante de caráter sociológico: dentro dessa comunidade americana há uma INDOAMÉRICA ainda mais significativamente americana, do ponto de vista ecológico, do que as zonas do continente quase exclusivamente européias ou totalmente africanas na sua composição. E essa INDO-AMÉRICA se apresenta aos olhos de quem a considere, não já com olhos de antropologista social ou de sociólogo, mas de político cultural, como um conjunto humano e de cultura com deveres de lealdade recíproca baseada sôbre a consciência de raízes, interêsses e destinos comuns. Deveres que o momento que atravessamos e as perspectivas que a guerra atual escancara diante de nós tornam urgentes e dramáticos.

Não se trata, é claro, de procurarmos nos tornar um bloco, cuja unidade se realize dura, maciça e filipicamente à custa de diferenças que são uma expressão de vitalidade cultural e de saúde social americana. De modo nenhum. Nem me parece exemplo bom o da uniformização de vida e de cultura que, nos Estados Unidos, se seguiu à vitória do Norte sôbre as províncias do Sul na Guerra Civil; nem o da Argentina, onde o progresso metropolitano se tem feito com sacrifício da espontâneidade gaúcha, provinciana, rural.

O destino natural dos países americanos de formação ibérica, nascidos e desenvolvidos sôbre o maior ou menor aproveitamento do elemento indígena, é tornarem-se plurais e diversos nas suas expressões regionais de cultura, conforme circunstâncias ou fatos peculiares à origem e ao desenvolvimento de cada um. Pluralidade de cultura sôbre a base comum, amerínd̂ia e hispânica.

Do que precisamos nos tornar plenamente concientes é dessa base comum, amerínd̂ia e hispânica, na formação social e de cultura da grande maioria dos povos americanos; dessa americanidade intensa como nenhuma e essencialmente anti-colonial que resulta do maior aproveitamento, voluntário ou involuntário, de elementos indígenas de natureza, de cultura e de raça, pelos colonizadores hispânicos, — espanhóis e portugueses — de terras americanas em que o amerínd̂io, pelo prestígio do número ou da qualidade de cultura, mais se impôs aos adventícios ou à sua cultura.

Não que semelhante fato constituía um antagonismo irredutível aos processos de colonização francesa — aliás semelhante à hispânica, em vários pontos — e principalmente inglesa e holandesa de outros trechos da América. Mas porque constitúe um dos motivos de diferenciação dos povos indo-hispânicos e um dos estímulos à sua aglutinação, para melhor afirmação de sentimentos semelhantes e melhor defesa de interêsses comuns. Pois de modo geral os povos de procedência hispânica são, ao mesmo tempo, os mais penetrados pelo sangue, pela cultura e pela natureza da América.

O Fim da Campanha de Canudos

(Trecho de **Euclides da Cunha**)

Canudos não se rendeu. Exemplo único em tôda a história, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado, palmo a palmo, na precisão integral do término, caiu o dia 5, ao entardecer, quando cairam os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.

Forremo-nos à tarefa de descrever os seus últimos momentos. Nem poderíamos fazê-lo. Esta página, imaginamo-la sempre profundamente emocionante e trágica; mas cerramo-la vacilante e sem brilhos.

Vimos como quem vinga uma montanha altíssima. No alto, a par de uma perspectiva maior, a vertigem...

Ademais, não desafiaria a incredulidade do futuro a narrativa de pormenores em que se amostravam mulheres precipitando-se nas fogueiras dos próprios lares, abraçadas aos filhos pequeninos?...

E de que modo comentaríamos, com a só fragilidade da palavra humana, o fato singular de não aparecerem mais, desde a manhã de 3, os prisioneiros válidos coldidos na véspera, e entre êles aquele Antonio Beatinho que se nos entregára confiante — e a quem devemos preciosos esclarecimentos sôbre esta fase obscura da nossa história?

///

TAPEJARA

ANO I — PONTA GROSSA, MARÇO DE 1951 — NÚMERO 3

"Igrejinhas" Literárias

(Conclusão da 1ª. página)

sentença, de caráter inapelável: primeiro prêmio concedido ao poeta Carlos de Oliveira Gomes, dado como natural de Ponta Grossa. Nome inteiramente desconhecido nas rodas literárias de São Paulo e da capital da República. Poeta do interior. Foi a conta!

A turma gritou. Esbravejou. Inconformada, fêz sensacionalismo em tôrno do resultado a que chegaram os três membros da Comissão Julgadora. E continuam a ameaçar céus e terras com suas iras. Com o seu despeito e com a sua inveja.

O poeta do interior viu-se obrigado a falar aos jornais. E disse, entre outras coisas: o livro premiado fôra escrito, para matar o tempo, nos três dias de Carnaval!

A torre de marfim tremeu! Desaforo! Onde se viu uma coisa dessa!

xxx

O episódio é expressivo. Comovente.

Sabe-se que as "igrejinhas" existentes foram, sempre, as maiores inimigas da literatura nacional. Para elas, em regra, o valor da obra divulgada não tinha importância. O que importava era o nome do autor. Se êle pertencia ao rol da turma do elogio mútuo, o trabalho estava consagrado pela crítica. Mesmo que fôsse um livro medíocre. Se, porém, a obra não fôsse da autoria de um dos seus, era mal recebida pelos grupinhos detentores dos meios de repudiar ou consagrar qualquer trabalho literário.

Deve-se registrar o acontecimento. Com encômios e alegria. Embora não se conheça o valor do volume vitorioso, o fato representa, sem dúvida, uma reação que de há muito se fazia necessária. Uma revolução no sistema de se apreciar os valores culturais do Brasil. E, notadamente, o começo da agonia de um estado de coisas profundamente prejudicial à literatura de nossa terra.

ÊSTE JORNAL FOI COMPÔSTO EM LINOTIPO "Mergenthaler", MODÊLO 31 E IMPRESSO EM MÁQUINA PLANA "Marinoni", PELO

Estabelecimento Gráfico Montes & Pereira

PONTA GROSSA — CAIXA POSTAL, 55 — PARANÁ

Medeiros e Albuquerque

(Conclusão da 6ª. página)

soldados conforme a região.

Medeiros criou então um sistema, baseado em consultas que fêz a técnicos sôbre o número de operários, em média para a construção de um metro quadrado de estrada de rodagem de tipo comum. E redigiu a sua disposição legislativa articulando uma coisa e outra:— quem quer que construísse à sua custa uma estrada de rodagem ficaria com direito de cobrá-la do Govêrno Federal, logo que êste a recebesse, na base de tantas etapas por metro quadrado.

Houve alguém que acreditou nisso e construiu uma estrada de rodagem no Acre. Levou trinta anos para receber. Conseguiu-o agora, há menos de um ano. Mas teve necessidade de lubrificar, pelo caminho, alguns advogados administrativos... No entanto, a idéia de Medeiros era excelente. Se tivesse sido executada com seriedade, quer pelos particulares, como pelo Govêrno, a quilometragem das rodovias estaria imensamente acrescida no Brasil.

Medeiros, pacifista, pensava sempre em meios práticos de evitar a guerra. Muito antes da Guerra de 1914 já êle se mostrava muito pessimista quanto ao valor das alianças. Levado pelo espírito histórico, que nos mostra sempre atrás de cada guerra um motivo comercial, Medeiros achou que o melhor meio de assustar e contêr os possíveis provocadores de guerras, seria a boicotagem geral da Nação provocadora. A idéia, lançada por Medeiros, caminhou.

Hoje é uma das teses de atividade da Liga das Nações. A essa iniciativa se opunha uma objeção séria. É que os reais provocadores das guerras são menos os países que entram em beligerância, do que os grandes fornecedores de armas e munições geralmente localizados em países estranhos ao conflito. Como contornar a dificuldade? Transformando internacionalmente a indústria de armas e munições em indústria do Estado.

Também essa idéia de Medeiros chegou até à Sociedade das Nações que dela se tem ocupado, ignorando seguer o nome de seu verdadeiro autor. Medeiros, que era um partidário ardoroso da monopolização dos seguros de qualquer natureza pelo Estado, pensou numa dilatação curiosa do princípio do cooperativismo sôbre que repousa essa instituição.

É frequente, quando sobrevêm grandes catástrofes — terremotos, erupções vulcânicas, incêndios, inundações, etc. — vitimando um grande número de pessôas, correr pelo mundo uma onda de sentimentalismo. Fazem-se subscrições. Pedem-se donativos. Os particulares de todos os países dão óbulos. Mas, no fundo, não só tudo isso é muito aleatório, como jàmais perde o caráter de ato de caridade.

Medeiros achou que era muito mais fácil fazer-se um seguro internacional contra as grandes catástrofes. Cada país pagaria uma anuidade de acôrdo com seus riscos e o valor do seguro feito. Quando sobrevivesse a catástrofe, receberia o seguro, sem nenhuma das humilhações dessas esmolas internacionais.

A Sociedade das Nações estaria naturalmente indicada para centralizar todo êsse serviço.

Tapejara

Órgão do Centro Cultural "Euclides da Cunha"

Diretor: Faris Antonio S. Michaele

Secretário: Daily Luiz Wambier

Gerente: João Alves Pereira

Redatores: Diversos

Redação: Caixa Postal, 337 Ponta Grossa Paraná — Brasil

Os originais, embora não publicados, não serão devolvidos.